



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL (PPGACV)

OLÍVIA CRISTHINA SILVA DOS SANTOS

**Cultura visual e identidades na cena do metal: imagens de
mulheres das bandas Placenta e Nervosa**

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Olívia Cristhina Silva dos Santos

3. Título do trabalho

CULTURA VISUAL E IDENTIDADES NA CENA DO METAL: IMAGENS DE MULHERES DAS BANDAS PLACENTA E NERVOSA.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Olívia Cristhina Silva Dos Santos, Discente**, em 19/02/2024, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Fernando Sant Anna E Silva, Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2024, às 12:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4389520** e o código CRC **25475A10**.

OLÍVIA CRISTHINA SILVA DOS SANTOS

Cultura visual e identidades na cena do metal: imagens de mulheres das bandas Placenta e Nervosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Arte e Cultura Visual.
Área de concentração: Artes, Cultura e Visualidades.
Linha de pesquisa: Educação, Arte e Cultura Visual (linha C).

Orientador: Prof. Dr. Thiago Fernando Sant'Anna e Silva

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Olívia Cristhina Silva dos
Cultura visual e identidades na cena do metal: [manuscrito] :
imagens de mulheres das bandas Placenta e Nervosa / Olívia Cristhina
Silva dos Santos. - 2023.
XCIV, 94 f.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Fernando Sant`Anna e Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte
e Cultura Visual, Goiânia, 2023.

Bibliografia.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, gráfico,
lista de figuras.

1. Mulheres. 2. Artes. 3. Cultura e Visualidade. 4. Banda Placenta.
5. Banda Nervosa. I. Silva, Thiago Fernando Sant`Anna e , orient. II.
Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 23/2023 da sessão de Defesa de Dissertação de **Olívia Cristhina Silva dos Santos**, que confere o título de **Mestra** em Arte e Cultura Visual, na área de concentração em **Artes, Cultura e Visualidades**.

Aos 29 do mês de novembro de dois mil e vinte e três, a partir das quatorze horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**AS MULHERES NA CENA DO METAL BRASILEIRO: CULTURA VISUAL, IDENTIDADE E PODER**". Os trabalhos foram instalados pelos(as) Professores(as) Doutores(as), Thiago Fernando Sant`Anna e Silva - FAV/UFG - Orientador, membro interno; Lilian Ucker Perotto - FAV/UFG, membro interno; Profª Drª Susane Rodrigues de Oliveira - UnB, membro externo; Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho **[se for o caso inserir: conforme explicitado abaixo]**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação tendo sido o candidato(a) **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Thiago Fernando Sant`Anna e Silva, Presidente da Banca Examinadora. Foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e nove dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

CULTURA VISUAL E IDENTIDADES NA CENA DO METAL: IMAGENS DE MULHERES DAS BANDAS PLACENTA E NERVOSA



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Fernando Sant Anna E Silva, Professor do Magistério Superior**, em 30/11/2023, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Susane Rodrigues de Oliveira, Usuário Externo**, em 01/12/2023, às 07:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 04/12/2023, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4210183** e o código CRC **465F4EA1**.

Referência: Processo nº 23070.061250/2023-92

SEI nº 4210183

PPGACV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTE E CULTURA VISUAL

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Cultura visual e identidades na cena do metal: imagens de
mulheres das bandas Placenta e Nervosa**

OLÍVIA CRISTHINA SILVA DOS SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Fernando Sant Anna E Silva (Orientador)
Universidade Federal de Goiás

Prof. ^a Dr. ^a Lilian Ucker Perotto (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Goiás

Prof. ^a Dr. ^a Susane Rodrigues de Oliveira (Examinadora
Externo)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Edgar Oliveira Franco (Suplente Interno)
Universidade Federal de Goiás

Prof. ^a Dr. ^a Cláudia de Jesus Maia (Suplente Externa)
Universidade Estadual de Montes Claros

Goiânia, 29 de novembro de 2023.

“Tenha, cuidado para que ninguém os escravize por meio de filosofias inúteis e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, mas não em Cristo.”

Colossenses 2:8

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder sabedoria e força ao longo desta jornada acadêmica.

Agradeço ao professor e orientador Prof. Dr. Thiago Fernando Sant'Anna e Silva, pelo profissionalismo e repertório, e também pela sensibilidade ao relacionar arte, vida, processos e valores ao longo deste trabalho.

Expresso minha gratidão aos colegas pesquisadores que contribuíram para a efetivação desta pesquisa compartilhando suas experiências e conhecimentos, enriquecendo o debate e proporcionando um ambiente propício ao aprendizado.

Sou grato à Universidade Federal de Goiás pelo acesso aos recursos e infraestrutura necessários para a realização deste trabalho.

Agradeço aos autores cujos trabalhos foram referenciados neste estudo, pelos *insights* e conhecimentos compartilhados.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão à minha família, em especial minhas queridas mães Maria José da Silva e Osmira Jerônimo de Oliveira pelo apoio incondicional e incentivo ao meu Mestrado.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho, meu sincero agradecimento.

Resumo

Esta dissertação tem como tema de estudo as imagens de mulheres musicistas que atuam na cena Heavy Metal brasileira, a partir de uma análise visual e histórico-social das transformações promovidas por este estilo musical e os efeitos na construção de novos corpos do gênero feminino e a expansão deste fenômeno nas últimas décadas. Para isso exploramos a rica iconografia e a estética visual das bandas Placenta e Nervosa, duas representantes do gêneros do metal no Brasil. Nesta pesquisa com imagens operamos os conceitos de imagem, cultura e identidade, explorando como a condução das condutas organiza os processos pedagógicos de resistência e construção identitária atravessadas pelas relações de poder estabelecidas pelo campo do mundo das imagens, ancorados nas teorizações de Stuart Hall, Foucault e Joan Scott, entre outros teóricos contemporâneos e pós-estruturalistas como John Berger, Nicholas Mirzoeff, W. J. T. Mitchell, que exploram a cultura visual sob várias perspectivas, respetivamente.

Palavras-chave: Cultura visual; Educação; Identidade.

Abstract

This dissertation's subject of study is the images of women musicians who work in the Brazilian Heavy Metal scene, based on a visual and historical-social analysis of the transformations promoted by this musical style and the effects on the construction of new female bodies and the expansion of this phenomenon in recent decades. To do this, we explored the rich iconography and visual aesthetics of the bands Placenta and Nervosa, two representatives of the metal genres in Brazil. In this research with images we operate the concepts of image, culture and identity, exploring how the conduct of conduct organizes the pedagogical processes of resistance and identity construction crossed by power relations established by the field of the world of images, anchored in the theorizations of Stuart Hall, Foucault and Joan Scott, among other contemporary and post-structuralist theorists such as John Berger, Nicholas Mirzoeff, W. J. T. Mitchell who explore visual culture from various perspectives, respectively.

Keywords: Visual culture; Education; Identity.

Lista de figuras

Figura 01 – Olívia Bayer.....	14
Figura 02 – Olívia Bayer.....	16
Figura 03 – Olívia Bayer.....	19
Figura 04 – Olívia Bayer.....	25
Figura 05 – Diferentes representações visuais de variadas vertentes.....	29
Figura 06 – Modelo de identidade cultural.....	33
Figura 07 – Olívia Bayer. Figurino: Jerônima Baco & Brito.....	39
Figura 08 – Número de bandas de metal por 100.000 habitantes.....	41
Figura 09 – Banda Placenta na Revista Metal.....	60
Figura 10 – A banda Placenta.....	64
Figura 11 – Mulheres do Metal.....	65
Figura 12 – Banda Placenta e pontos de vista A e B.....	66
Figura 13 – Andreia e a lutadora campeã de MMA Amanda Nunes.....	67
Figura 14 – Imagem de divulgação para o WOA.....	71
Figura 15 – Imagem da Tour 2021 da banda Nervosa.....	73
Figura 16 – Arte da capa do álbum Perpetual Chaos da banda Nervosa.....	76
Figura 17 – Prika, Fernanda e Luana da banda Nervosa.....	78

Sumário

Apresentação.....	12
1 RELATO E OBJETOS DE INVESTIGAÇÃO.....	25
1.1 Cultura, identidade e representação.....	27
1.2 Tribalismo.....	30
1.3 Transgressão, misoginia e cultura popular.....	33
1.4 O metal como objeto de pesquisa.....	37
1.5 Problematização, hipótese e método.....	42
2 IMAGENS E IDENTIDADES DA CENA METALEIRA.....	44
2.1 (re)configuração da representatividade feminina no metal.....	45
2.2 Percepção imagética e a descoberta de significados.....	46
2.3 O Olhar Além: poéticas visuais e análises sistêmicas.....	51
2.4 Propostas de análise.....	53
3 AS IMAGENS DO METAL NACIONAL FEMININO.....	55
3.1 Breve panorama da história recente da cena metaleira.....	55
3.2 Placenta.....	57
3.3 Machismo enraizado.....	59
3.4 Placenta em Imagens.....	62
3.5 Nervosa.....	67
3.6 Paleta de cores e tonalidade.....	69
3.7 Símbolos e Motivos.....	71
3.8 A Representação do Feminino.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
Referências.....	87

Apresentação

A imagem das mulheres no *heavy metal*, especificamente, tem um papel educativo interessante que vai além do ensino formal, operando nos sentidos de quem consome essa música e seus elementos visuais. Além disso, produz novos corpos, comportamentos e, com efeito, potencializa mulheres em um espaço majoritariamente masculino. O entendimento, apreciação e análise da imagem feminina neste gênero musical eleva as possibilidades de fruição e identificação de certas óticas próprias das subjetividades individuais, pelas quais o fazer artístico se apresenta como um meio.

Quando nos deparamos com relatos de mulheres e até mesmo analisando estudos, artigos e referências da cultura, como filmes, livros, artigos, entre outros, a figura do fã tende em muitos exemplos a ser muito mais masculina do que feminina. Sobre essa constatação Hill (2016) aponta que:

Não era que as mulheres não fossem fãs de metal, no entanto - elas eram, embora em menor número e certamente menos visíveis. Mas as fãs mulheres eram ignoradas ou retratadas não como fãs, mas como groupies - mais interessadas nos músicos do que na música. (Hill, 2016, p. 28, tradução nossa¹).

Janotti Junior (2013) enfatiza que as cenas e os gêneros musicais vão além de uma mera expressão artística, tornando-se agenciamentos performáticos que criam conexões afetivas e socioculturais, segundo o autor:

As cenas e os gêneros musicais são corporificados através de agenciamentos performáticos autorreferenciados que transformam lugares/sonoridades em territorialidades afetivas e socioculturais. Antes de ser uma espécie de ocupação sentimental ou emocional da urbe ou de espaços virtuais, as cenas pressupõem agenciamentos de sujeitos e objetos que afetam e são afetados mutuamente por essas conexões. Nesse caso, essa corporificação é um efeito de presença que se materializa nos gêneros e cenas musicais. (Janotti Junior, 2013, p. 3).

¹ No original: “It was not that women were not fans of metal, however - they were, although in fewer numbers and certainly less visible. But woman fans were ignored or portrayed not as fans but as groupies - more interested in musicians than music.”

Na imagem abaixo (Fig. 1), estou em pleno show, interpretando um trecho musical com riffs intensos e distorções nas guitarras, ritmo marcado e pulsante na bateria e contrabaixo, teclados em estilo épico preenchido por uma orquestra completa interpretando arranjos hipnotizantes, um estímulo sonoro tão agressivo que incita movimentos intensamente repetitivos do corpo, uma expressividade que defronta a figura da mulher contrapondo aos princípios subordinadores instituídos sócio historicamente.

As mulheres retratadas neste contexto se abrem a diferentes categorias de expressão explorando novos lugares e narrativas do contexto feminino sob uma visão pós-estruturalista, vislumbrando um rompimento da concepção hierárquica entre o masculino e feminismo reconhecendo outros significados das relações de poder (Scott, 2000, p. 203-204).



**Figura 1 – Olívia Bayer. Figurino: Jerônima Baco. Fonte: Arquivo pessoal.
Foto: Thiago Jesus. 2018.**

Estas novas narrativas no contexto feminino não se restringem a apenas uma ocupação sentimental ou emocional dos espaços, mas também envolvem a

interação entre sujeitos e objetos, que estão influenciando e sendo influenciados. Nesse cenário, a manifestação das mulheres através da vestimenta, do movimento e da intensidade expressiva pode vir a representar um poderoso manifesto que desafia as narrativas tradicionais do gênero feminino construídas através do parentesco (Scott, 1990). É uma forma de reivindicar espaço e afirmar a presença feminina nos territórios da música majoritariamente masculinizados.

O gênero musical do metal é composto por diversos elementos que constroem uma identidade visual simbólica, tais como cores pretas, artigos em metais, expressões de imposição e empoderamento, às vezes, até de agressividade, elementos que não são exclusivamente individualizados, uma vez que surgem e se transformam por meio das “territorialidades afetivas e socioculturais”, conforme citado por Janotti Junior (2013, p. 3). Dessa forma, não apenas a imagem centralizada é um resultado dos agenciamentos performáticos, mas também se comunica de maneira mútua, conectando-se com o ouvinte/espectador. A imagem das mulheres no heavy metal, portanto, não são atravessadas por relações que implicam acionar aspectos advindos das performances das musicistas, do cenário às vezes em clima sombrio, às vezes em clima medieval, dos sons com distorção nos instrumentos de corda com as guitarras e os baixos e os pedais duplos da bateria, além do público cantando as músicas, gritando e balançando a cabeça com os cabelos. A alusão à Deleuze nessa análise não é menor aqui, pois segundo o filósofo francês, "uma imagem nunca está só. O que conta é a relação entre imagens" (Deleuze, 2013, p. 71). Longe de tomar a imagem de maneira isolada, é fundamental apreendê-la em conexão com inúmeras outras imagens e experiências constituidoras de sujeitos e subjetividades.

Além do gênero *metal*, é possível encontrar exemplos semelhantes em outros gêneros musicais. Por exemplo, no *punk rock*, os símbolos de rebeldia, como os cabelos coloridos, as roupas rasgadas e os piercings, contribuem para a construção de uma identidade visual diferente do comportamento normativo social.

Esses exemplos demonstram como a autorreferência corporificada nos diferentes gêneros musicais transcende a mera expressão individual, estabelecendo-se como uma forma de comunicação simbólica que envolve tanto os artistas quanto o público. Essa conexão mútua fortalece a construção das identidades e territorialidades afetivas e socioculturais dentro desses contextos

musicais.

O heavy metal revela e expressa práticas e significados que refletem a diversidade humana na contemporaneidade. Em um mundo caracterizado por relações de poder, onde a imagem feminina adquire inúmeros significados expressivos e, muitas vezes, é objetificada. Essa percepção transcende as questões musicais e revela uma presença importante de expressão identitária feminina.



**Figura 2 – Olívia Bayer. Figurino: Jerônima Baco & Brito. Fonte: Arquivo pessoal. 2020.
Foto: Moriane Anjos.**

Para mim, o *metal* não se trata de vaidade, se “aparecer”, ou ser *cool*. O *heavy metal* vai além, é uma questão de expressividade, romper barreiras, as

próprias, as impostas e a do ambiente; isso é o que esta música representou e ainda representa para mim. Participar de uma banda é também uma forma de empoderamento, mas não vaidoso, é um empoderamento existencial.

Assim, a importância desse trabalho é para mim, entre outras coisas, uma maneira de buscar compreender, do ponto de vista da pesquisa e adentrando o espaço acadêmico, as práticas e relações sociais efetivadas pelas mulheres no fazer artístico nesse contexto, buscando respostas para as seguintes questões: sob quais aspectos, e em que medida, o metal pode adentrar o campo da representatividade individual e coletiva? Quais elementos criam o entendimento amplo, do ponto de vista social e visual, do metal como cultura? Como as visualidades do metal foram constituidoras de subjetividades e sujeitos através de práticas?

Propor uma reflexão sobre a cultura visual e a percepção do corpo das mulheres no contexto do *heavy metal* implica abordar questões relevantes relacionadas a uma (re)educação de sentidos e significados dentro desse gênero musical, especialmente considerando a enorme influência que ele exerce. É importante ressaltar que, na atualidade, com a revolução das mídias sociais, a importância da imagem e sua percepção tornaram-se ainda mais evidentes.

Nesse sentido, é fundamental observar de forma objetiva a diferença entre experiência e análise. Conforme apontado por Mirzoeff, “a distância entre a riqueza da experiência visual na cultura contemporânea e a capacidade de analisar essa observação cria a oportunidade, bem como a necessidade, de converter a cultura visual em um campo de estudo” (Mirzoeff, 2003 apud Saderlich, 2006, p .461).

Esse argumento ressalta a relevância de direcionar a atenção para a cultura visual no contexto do *heavy metal*, particularmente considerando a influência das novas mídias na construção e percepção da imagem feminina. As mídias sociais, em particular, desempenham um papel significativo na disseminação de imagens e na construção de identidades, o que amplifica a importância de analisar criticamente essa cultura visual e compreender como ela molda as representações e percepções do corpo feminino no *heavy metal*. Essa abordagem crítica, que engloba a intersecção entre o gênero musical, as mídias e as novas mídias, proporciona um olhar mais aprofundado sobre a influência

desses elementos na construção da identidade e no entendimento das mulheres no contexto do *heavy metal*.

A análise e discussão dos sentidos e significados presentes na imagem da mulher como artista permitem identificar os efeitos que essa representação tem no empoderamento e na desestabilização das relações de poder e desigualdade entre homens e mulheres, tanto no contexto musical quanto em diferentes esferas de interações construídas ao longo da história. Os efeitos da representação da mulher como artista extrapolam o campo da música, abrangendo toda a esfera da arte. Diante disso, é importante observar as condições que possibilitam a emergência de imagens singulares das mulheres no *heavy metal* e entender os impactos dessas imagens na formação de práticas originais, bem como na identificação de discursos opressores e misóginos associados a elas. Nesse sentido, a produção cultural de materiais que desafiam a lógica de consumo e mercado desempenha um papel fundamental na quebra de paradigmas.

Ao analisar o *heavy metal*, é crucial reconhecer que não se trata de um gênero musical estanque e padronizado, mas sim de um movimento diversificado com várias ramificações que passa constantemente por transformações. Essa diversidade é evidenciada pela ampla gama de bandas que exploram temáticas distintas, e muitas vezes até antagônicas, como veremos ao longo do trabalho. A questão dos aparatos e da imagem é particularmente interessante no que diz respeito à construção de identidade por meio de um universo de imagens e objetos que funcionam como ferramentas de expressão autêntica e uma identidade que vai além das convenções impostas pela indústria e pela sociedade.

Mulheres que ativamente participam da cena enfrentam estereótipos arraigados, onde se pressupõe que o *heavy metal* não é adequado para elas, pois vai de encontro a uma estética que exalta qualidades opostas à ideia tradicional de feminilidade. No entanto, ao investigarmos mais a fundo, percebemos que essa visão limitadora é uma manifestação sexista e misógina provenientes de uma cultura machista que também aprisiona os homens na expectativa de demonstrar virilidade, força e violência para provar sua masculinidade. Essa reflexão nos impulsiona a analisar mais profundamente as implicações dessas representações de gênero na música e como elas afetam as mulheres que desafiam essas normas e reivindicam seu espaço no contexto do

heavy metal.

A análise de Pacheco (2006) revela a misoginia como uma estratégia de demarcação das diferenças dentro dos grupos da cena metaleira. Segundo o autor:

Percebe-se a misoginia como uma estratégia de demarcação das diferenças intra-grupais, em que a exacerbação da misoginia reflete um conflito que visa colocar as garotas no seu devido lugar, ou seja, fora da cena. Elas são rejeitadas e não são percebidas como iguais, a menos que se comportem como homens. (Pacheco, 2006, p. 6).

Para além da misoginia, a hipermasculinidade também promove o apagamento das mulheres na cena do metal (Hoad, 2021, p. 245-256 apud Oliveira; Bryner, 2022). Principalmente quando elas se posicionam em aspectos tidos como masculinizados, impedindo visualidades autênticas noutro modo de ver essas estéticas como parte do feminino, bem como, seus efeitos de significações de resistência.

Essa proposição incide sobre a construção das imagens associadas ao feminino no metal, destacando a importância de compreender e analisar a imagem da mulher “metaleira” sob uma ótica contemporânea.



Figura 3 – Olívia Bayer. Figurino: Jerônima Baco & Brito. Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Moriane Anjos. 2020.

O *heavy metal*, enquanto linguagem artística plural, revela e expressa intenções e sentidos da própria natureza humana. Em um mundo pautado por relações de poder e controle, a imagem feminina adquire inúmeros significados expressivos, os quais muitas vezes transcendem a percepção imediata dessa representação visual. Considerando a marcante estética visual do metal, surge a indagação sobre como as imagens associadas ao gênero contribuem para a construção da identidade dos artistas e fãs. Será que essas imagens representam uma forma de expressão individual e coletiva dentro da comunidade metal? Além disso, como elas se relacionam com os valores e ideais compartilhados pelos membros desse universo?

A atitude e a rebeldia intrínseca do *heavy metal*, expressos por meio das letras, sonoridade e imagens, são extremamente atraentes, principalmente durante a juventude, quando esses sentimentos estão em alta. Conforme defendido por Berth (2019, p. 71), fortalecer a autoestima é essencial para iniciar um processo de empoderamento consciente, ela destaca a visão de Leon (2001):

O empoderamento como autoconfiança e autoestima deve estar integrado a um sentido de comunidade, cooperação e solidariedade. Ao considerarmos o processo histórico que gera a falta de poder, fica evidente a necessidade de alterar as estruturas sociais vigentes; ou seja, reconhecemos o imperativo da mudança. (Leon apud Berth, 2019, p. 71).

Segundo relatos de mulheres ativas na cena do metal, ainda hoje há uma associação entre a música e o gênero masculino, uma vez que a estética do gênero seria oposta à ideia de “fragilidade” ou “delicadeza”. Essa visão de que as mulheres não devem se aventurar a tocar certos instrumentos ou explorar determinados gêneros musicais reflete a persistência de princípios patriarcais, nos quais “o discurso predominante sobre as formas de ser masculino e feminino é construído com o intuito de subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino” (SANTOS, 2010, p. 60). A intensificação da misoginia reflete um conflito que busca manter as mulheres fora da cena.

O documentário “Mulheres no Metal”, de Gracielle Fonseca (2013), disponível integralmente no YouTube², representa uma fonte interessante para registrar essa realidade. Apesar de ter sido lançado há uma década, ainda é uma

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jG4xWbGx7Ng>. Acesso em: mar. 2022.

produção singular e muito relevante em seu tema. Nele, encontramos relatos e histórias sobre o metal como forma de expressão e construção de identidade, além de abordar temas como machismo e preconceito.

Neste documentário a baterista Ariadne Souza, ex-baterista do Valhalla e atual baterista da banda Miasthenia, compartilha sua trajetória musical:

Tudo o que era mais extremo na bateria sempre me atraiu, o que era mais agressivo, mais rápido. . . E acredito que também tem a ver com a personalidade, desde jovem sempre tive uma personalidade muito forte. . . Eu não brincava apenas de boneca, gostava de brincar na rua com os meninos, sempre fazia coisas que fugiam dos padrões. (Souza, 2013).

A ideia de escolher um instrumento e um gênero musical, como a bateria e o metal, baseados em uma identificação de características comuns, como a vontade de encontrar uma saída para o que ela chama de “personalidade forte”, é algo compartilhado por outras pessoas, sejam homens ou mulheres. No entanto, as dificuldades começam nesse ponto, devido ao preconceito que determina que certos instrumentos não são apropriados para mulheres, como relata Susane Hécate, vocalista, tecladista e compositora da banda Miasthenia:

Comecei tocando teclado aos 11 anos de idade, mas depois me revoltei com tudo. Não queria tocar piano, e meu pai comprou um piano para mim, pois ele queria que eu tocasse na igreja. Eu, sendo totalmente rebelde, queria tocar baixo, queria tocar guitarra. (Hécate, 2013).

A rebeldia mencionada por Susane Hécate também se manifesta como um desejo de romper com padrões opressores. Ela afirma:

No black metal, me identifiquei especialmente com a quebra dos padrões cristãos, especialmente esses padrões que oprimem o feminino, que veem as mulheres como inferiores, como seres despreparados. (Hécate, 2013).

Ariadne Souza e Susane Hécate, ao escolherem o *metal* como meio de expressão, refletem um desejo de aliar suas personalidades intensas e rebeldes à energia do gênero. Através de sua participação em um campo tradicionalmente

dominado por homens, ambas desafiam estereótipos de gênero e empregam a música não só como uma extensão de suas identidades, mas também como uma ferramenta de empoderamento. Ao escolherem tocar instrumentos e envolverem-se em gêneros musicais que são tradicionalmente associados ao masculino, elas estavam quebrando com os atos repetidos e estilizados que são comumente esperados de mulheres. Essa escolha pode ser vista como uma forma de desafiar e reformular as expectativas em torno do gênero, demonstrando que as identidades de gênero não são fixas, mas sim, construídas e performadas através de ações e expressões. De acordo com Butler (2003):

Gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituída em um espaço exterior através de uma repetição estilizada de atos. [. . .] O efeito de gênero é produzido através da estilização do corpo e, portanto, deve ser entendido como a maneira mundana pela qual gestos corporais, movimentos e estilos de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente generificado. (Butler, 2003, p. 179).

A citação de Judith Butler pode ser relacionada aos relatos de Hécate e Ariadne, sugerindo que suas escolhas musicais e o modo como elas se engajam com a música são formas de “repetição estilizada de atos” que desafiam as normas tradicionais de gênero. No caso de Hécate, por exemplo, ao rejeitar o piano (um instrumento frequentemente associado a um tipo de feminilidade tradicional) e optar por tocar baixo e guitarra em um gênero como o *black metal*, ela está engajando em uma forma de expressão que não se alinha com os atos repetidos e estilizados que a sociedade frequentemente associa com mulheres. Isso pode ser visto como uma resistência a essas expectativas de gênero, permitindo que ela constitua sua identidade de uma forma que esteja mais alinhada com sua autopercepção e desejos.

Da mesma forma, Ariadne, ao ser atraída por estilos musicais extremos e agressivos, e escolher a bateria como seu instrumento, pode ser vista como estilizando sua identidade de gênero de uma forma que desafia as normas tradicionais associadas às mulheres.

Ambas estão, consciente ou inconscientemente, envolvidas no processo de construir suas identidades de gênero através de uma série de atos e expressões que desafiam o que é comumente esperado de mulheres na

sociedade. Esta forma de expressão pode ser entendida, com base na citação de Butler (2003), como um exemplo de como a identidade de gênero é flexível e construída através de práticas e atos que podem divergir das normas de gênero tradicionais.

Outro aspecto a ser abordado neste trabalho é o simbolismo visual do metal. As capas de álbuns, os logotipos e os elementos visuais presentes no gênero possuem um forte significado simbólico. Será fascinante investigar o sentido desses símbolos e ícones visuais, e como eles se conectam com as temáticas líricas e sonoras do metal. Essas imagens comunicam mensagens específicas? Transmitem um senso de rebeldia, resistência ou espiritualidade? E como os fãs interpretam e se relacionam com esses símbolos ao longo de sua jornada musical?

Além disso, é relevante analisar a relação entre as imagens e a experiência estética no contexto do metal. O gênero é conhecido por criar uma atmosfera única e intensa em suas apresentações ao vivo. Nesse sentido, surge a questão de como as imagens visuais, como cenários, iluminação e projeções, contribuem para a experiência estética do público. Como essas imagens influenciam as emoções e a imersão dos espectadores no mundo sonoro e performático do metal? Será que elas são um elemento fundamental na criação desse ambiente visceral e catártico?

Um aspecto intrigante a ser abordado é a influência mútua entre o metal e as imagens. O metal, enquanto movimento cultural e musical, certamente deixa sua marca na produção de imagens em outras esferas da sociedade. Será que elementos visuais do metal são incorporados em outras formas de arte, moda, publicidade ou cultura popular? E, por outro lado, como as imagens associadas ao metal são reinterpretadas e ressignificadas em contextos diferentes? Essa interação dinâmica entre o metal e as imagens pode revelar novas perspectivas sobre a influência cultural e estética do gênero.

Por fim, ao analisar as imagens pudemos compreender como essas bandas desafiaram as normas sociais e redefiniram as concepções convencionais de feminilidade no cenário do metal, e não podemos negligenciar as implicações políticas e sociais das imagens do metal. Como produtos de contextos culturais e ideológicos específicos, essas representações visuais possuem o poder de desafiar ou reforçar as normas e estruturas dominantes. O

metal utiliza a estética visual como uma forma de transmitir mensagens de crítica social, reflexão filosófica ou identidade contracultural. Nesse sentido, examinaremos as formas pelas quais as imagens do metal podem se tornar um veículo de contestação e transformação social. Ao abordar essas questões, nos aprofundaremos nas complexidades e nuances da relação entre o metal e as imagens, expandindo nosso entendimento sobre a importância desses elementos visuais na cultura do metal e suas implicações mais amplas.

A pesquisa ampliará as possibilidades metodológicas ao explorar técnicas como análise iconográfica, análise semiótica e análise de conteúdo. Essas abordagens permitirão uma compreensão mais aprofundada das imagens, suas intenções e seus efeitos na formação de identidades e subjetividades. Além disso, serão utilizados depoimentos encontrados em revistas online, documentários, mídia social e outras fontes para enriquecer a análise e compreender a percepção das próprias mulheres metaleiras em relação à imagem que projetam, bem como o impacto que essa imagem pode ter em outras mulheres do público.

Visamos neste trabalho discutir como essas imagens podem desempenhar um papel educativo, auxiliando na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção da igualdade de oportunidades no meio musical. Serão exploradas possibilidades de educação visual, por meio da análise crítica das representações femininas no heavy metal, visando à conscientização e ao empoderamento das mulheres envolvidas nesse contexto.



**Figura 4 – Olívia Bayer. Figurino: Jerônima Baco & Brito. Fonte: Arquivo pessoal.
Foto: Moriane Anjos. 2020.**

1 RELATO E OBJETOS DE INVESTIGAÇÃO

Em um mundo em constante mutação, é notável o progresso que tem sido feito na inclusão de mulheres e bandas metaleiras, em comparação com os primórdios desse gênero musical no Brasil. No entanto, é essencial reconhecer que o preconceito e o machismo profundamente enraizados na sociedade brasileira ainda persistem, exercendo influência significativa. Diante disso, é necessário não apenas expor e denunciar tais atitudes, mas também realizar uma análise crítica dos discursos de intolerância presentes. Esse é um desafio particularmente relevante nos dias atuais, em que o anonimato online é facilmente alcançado, permitindo a propagação desenfreada do ódio.

No artigo *Mulheres no Heavy Metal Nacional* de Iza Rodrigues (2018), encontramos uma série de depoimentos que revisitam situações e vivências da cena metaleira. Segundo Melissa Ironn vocalista e tecladista da banda *Save Our Soul*:

Um cara resolveu me atacar na página da banda, me ofendendo, dizendo que eu, por ser mulher, não poderia cantar em uma banda de Metal, e o disse de várias formas desagradáveis.

(...)

Em outra época, eu pensava que era melhor não falar sobre isso, numa tentativa de abafar esse tipo de atitude. Hoje eu vejo que não! Que devemos e podemos combater isso de frente e pra todo mundo ver. (Ironn apud Rodrigues, 2018).

Cristina Müller: vocalista e compositora da banda Quintessente relata:

Tive algumas bandas formadas por mulheres e em várias ocasiões era perceptível que muitos estavam na plateia para ver se “aquelas mulheres conseguem tocar” e alguns estavam mais preocupados com a imagem do que com a música.

(...)

Felizmente, venho percebendo uma melhora nesse cenário ao longo dos anos. Desde o retorno do Quintessente (em 2015) tenho visto uma maior valorização das mulheres, inclusive há cada vez mais mulheres concorrendo em listas de melhores músicos do ano e isso é maravilhoso! Quando eu comecei a tocar, minha banda era a única com mulheres no underground carioca e hoje em dia há muito mais mulheres musicistas, ou seja, o respeito faz com

que cada vez mais mulheres tenham coragem de mostrar a sua música! (Müller apud Rodrigues, 2018).

Susane Hécate: vocalista, tecladista e compositora da banda Miasthenia relata:

Desde o início já era estranho ser mulher, circular na cena Metal e se interessar em montar e liderar uma banda de Metal Extremo. Alguns homens preconceituosos acham que seu interesse é apenas em sexo e namoro, que você é apenas uma groupie que circula na noite. Então tive que ser bem durona e me tornei bruta e agressiva como eles, para me impor e ter o respeito. No passado eu briguei e discuti muito com os homens por conta de machismo, e cheguei até a brigar fisicamente em porta de show por conta de assédio. Não esqueço dos amigos que me ajudaram e acabaram com os rostos machucados e sangrando. Mas conquistei muitos amigos homens, tive uma galera muito forte ao meu lado e que de certa forma foram aprendendo a respeitar as mulheres na cena, inclusive os que tocaram comigo no Miasthenia e Aфонia, que sempre me respeitaram, admiraram, apoiaram e aderiram às minhas ideias no Metal. Isso para mim é uma grande conquista. (Hécate apud Rodrigues, 2018).

Laura Giorgi, ex-vocalista da banda Final Disaster relata:

Todas as mulheres que estão nesse cenário lutando contra qualquer tipo de preconceito, me enchem de orgulho e são sempre a fonte de inspiração mais honesta. No trabalho, na música e até jogando video game subestimam a minha capacidade. O que mais acontece, e que eu acho um nojo, é quando vou conversar com algum músico homem, apenas para um papo sobre música, e ele supõe que eu esteja com segundas intenções. Ou quando beleza vem antes de talento e esforço. Isso são pequenos casos cotidianos dentre tantos outros grandes. Hoje, as mulheres que são um exemplo para mim, são nosso orgulho nacional: as meninas do Nervosa. Elas quebraram várias barreiras e enfrentaram tudo que nós mulheres no cenário Metal brasileiro passamos todo dia. (Giorgi apud Rodrigues, 2018).

Mayara Puertas, vocalista da banda Torture Squad nos conta:

Alguns seguranças me barravam ao entrar no camarim, achando que eu não fazia parte da banda.

(...)

O Brasil é um dos países onde você encontra muitas mulheres fazendo som pesado, e isso não é tão comum lá fora. Aliás, o Brasil é um país que dentro do estilo Heavy Metal tem um público muito grande nas vertentes extremas, com as mulheres sempre presentes mostrando muita competência. Tenho orgulho de fazer

parte disso e poder inspirar mais mulheres a irem atrás de seus sonhos! [Às vezes] Você está checando o palco e tem um bobão que fica na platéia falando gracinhas. Sempre vou aos shows das minhas amigas do Nervosa quando posso, e em um deles fiquei revoltada com o tipo de baixaria que um sujeito gritava para as minas enquanto montavam o palco. (. . .) Eu não acho que isso seja atitude de headbanger, o cara que desrespeita uma mulher em um show, repete essa atitude no dia a dia também. Mas eu fico feliz que dentro do Metal isso venha de uma minoria, e quando isso acontece em um show você pode ver também que essas atitudes são repreendidas pelo próprio público. Isso demonstra que a grande maioria dos bangers não concorda com atitudes machistas ou abusivas. (Puertas apud Rodrigues, 2018).

Dani Nolden vocalista e compositora da banda Shadowside relata:

Em 2001, mulheres no Heavy Metal estavam bastante associadas ao Metal Sinfônico. O pessoal mais ‘conservador’ da época não considerava isso Heavy Metal de verdade, então antes do nosso show, uma das bandas que iria tocar com a gente estava fazendo algumas piadinhas, insinuando que faríamos um som ‘levinho’, e imitavam mulheres cantando com um vocal erudito, e riam. Riam até não aguentar mais. Só que eu ria também, porque nós ainda fazíamos alguns covers na época, e tínhamos Painkiller, do Judas Priest, no set list, e a reação deles quando tocamos a música foi sensacional. (Nolden apud Rodrigues, 2018).

A partir dos relatos mencionados, é evidente que as mulheres no cenário do metal brasileiro enfrentam desafios significativos, como preconceito, discriminação e desvalorização de suas habilidades musicais. No entanto, também se observa uma resiliência e determinação em suas vozes, além de uma evolução positiva na forma como a cena está respondendo a essas questões. Esses relatos ilustram a dualidade das experiências das mulheres no metal: por um lado, elas enfrentam obstáculos devido ao seu gênero, mas, por outro lado, também há uma força e um senso de comunidade entre as mulheres que estão quebrando barreiras e mudando percepções.

1.1 Cultura, identidade e representação

Ao mergulharmos no contexto dos temas relacionados à cultura, somos envolvidos por uma infinidade de sutilezas e peculiaridades. É como entrar em um mundo cheio de cores e ritmos, onde cada tribo carrega consigo um

código único e se orgulha de sua identidade singular. De acordo com Arce Cortés (2008), compreender como esses grupos se posicionam e se percebem é fundamental para desvendar as complexidades das relações sociais. Surgem autodenominações como “metaleiros”, “hippies”, “skatistas”, “rastas” e tantas outras, enquanto os termos que abrangem esses agrupamentos variam desde subcultura, tribo, contracultura até culturas juvenis, entre outros. Essas expressões e categorizações refletem a diversidade cultural em toda a sua magnitude e nos convidam a explorar os fascinantes territórios da cultura, identidade e representação (Fig. 7).



Figura 5 – Diferentes representações visuais de variadas vertentes, metaleiros, punks, regueiro, rappers, etc. Fonte: Coletânea pessoal feita a partir de banco de imagens online.

Ao abordar os temas relacionados à cultura e suas manifestações, a sociologia e a antropologia nos fornecem conceitos úteis para compreensão e análise. No entanto, esses conceitos estão em constante reformulação e readequação de acordo com as mudanças na sociedade e os avanços nos estudos sobre o assunto. É importante, principalmente para a nossa argumentação, delimitar o aspecto sob o qual os termos serão utilizados, especialmente em relação à ideia de subcultura.

Historicamente, a subcultura foi abordada de diferentes maneiras por teóricos culturais e sociais, como Stuart Hall. Em uma abordagem, ela descreve aspectos visuais e comportamentais que distinguem diferentes grupos; em outra, por meio da Escola de Chicago, a subcultura é relacionada à teoria dos desvios de indivíduos com personalidades criminosas. Já a terceira abordagem surge a partir da criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) na Inglaterra, onde Dick Hebdige e Stuart Hall propuseram o estudo dos jovens por meio do termo subcultura. Stuart Hall utiliza conceitos marxistas, como hegemonia, ideologia, classe e dominação, ao considerar a subcultura como uma oposição social da classe trabalhadora. De acordo com Arce Cortés (2008):

A análise da posição marxista da subcultura é vê-la como um grupo de jovens que se apropria de objetos do mercado, expropriando e incorporando o que é produzido por eles, o que os unifica como produto dos meios de comunicação de massa (Arce Cortés, 2008, p. 261, tradução nossa).

Sob essa perspectiva, podemos compreender o metal e as questões que envolvem esse gênero como parte dessa ideia de subcultura, considerando a dialética entre o jovem e a indústria do mercado. Por sua vez, Hebdige (2002) complementa essa noção ao considerar os aspectos da subcultura que rejeitam a cultura dominante por meio de gestos, expressões, vestimenta, entre outros.

Segundo Hall (1997), a cultura possui um poder simbólico e discursivo que afeta tanto aqueles que a praticam quanto aqueles que a observam. Dentro dessa perspectiva, as manifestações culturais atingem diferentes categorias de estruturas sociais, comunicando-se por meio de símbolos e discursos entre diferentes indivíduos e grupos. Esses símbolos são parte da cultura visual que constrói e dissemina significados na sociedade.

A cultura visual do *heavy metal*, por exemplo, é um campo rico para a análise das representações imagéticas das mulheres. Através das imagens, gestos e vestimentas, as mulheres no cenário do metal podem desafiar os estereótipos de gênero, empoderar-se e criar novas formas de identidade e pertencimento. No entanto, é importante destacar que as representações podem ser ambíguas e variadas, e nem sempre refletem um progresso na igualdade de gênero.

Nesse sentido, a análise da subcultura do *heavy metal*, em particular o papel das mulheres, pode ser significativamente enriquecida através de uma abordagem interdisciplinar, que considera tanto os aspectos sociológicos quanto antropológicos. Essa abordagem permite que sejam exploradas as dinâmicas de poder, identidade e resistência que emergem dentro dessa subcultura. A partir de uma perspectiva antropológica, é possível analisar como a participação das mulheres no *heavy metal* pode ser vista como uma forma de ritual, com seus próprios códigos de vestimenta, linguagem e comportamento. Esses rituais podem ser uma maneira de se posicionar em oposição a certos valores da sociedade dominante e de construir uma identidade alternativa.

1.2 Tribalismo

É importante compreendermos a música como um fenômeno estritamente social. Ela se desenvolve sobre construções idealistas segundo o local e o tempo onde é criada. Segundo Merrian (1964):

A música é um fenômeno exclusivamente humano, que existe apenas em termos de interação social, ou seja, é feita por pessoas para outras pessoas, e é um comportamento aprendido. Ele não existe nem pode existir por, de, e para si mesmo; deve haver sempre seres humanos fazendo algo para produzi-la. Em resumo, a música não pode ser definida como um fenômeno de som por si só, pois envolve o comportamento de indivíduos e grupos de indivíduos, e sua particular organização exige a concordância social das pessoas que decidem o que pode e não pode ser. (Merrian, 1964, p. 27).

Um comportamento socialmente aprendido que possibilita uma forma simbólica de comunicação na inter-relação entre indivíduo e grupo. Ou seja, os sons em si, independente da organização, dependem de um sistema que envolve um grupo

produtor e outro receptor. Assim, é importante destacar que o fazer musical segue também particularidades que se relacionam diretamente com a dinâmica social. Destaca-se, entre esses aspectos, uma característica que acompanha o fazer musical desde tempos primordiais, como ferramenta de expressão tribal, funcionando como atividade socializante na formação de grupos. Esses grupos, no que lhe concerne, desenvolvem um forte vínculo de afetividade e sociabilidade, pelas quais as músicas criadas, compartilhadas e passadas de geração a geração, formam uma identidade.

Não por acaso, o termo “tribo” é utilizado comumente para identificar grupos de indivíduos que se identificam por determinados gêneros musicais, a própria “tribo metaleira” é um bom exemplo disso. Além disso, preserva-se em muitas dessas tribos uma ideia de “culto”, ao redor de artistas e bandas que influenciam o comportamento das pessoas da mesma tribo, seja na maneira de vestir, falar, pensar, etc. Matos e Belem (2019) defendem que esses grupos propiciam vínculos com forte elo afetivo, pelo qual há também o nascimento de identidades a partir de características em comum por eles compartilhadas. Segundo Matos e Belem (2019):

As tribos seriam um meio pelo qual os sujeitos poderiam “combater” a impessoalidade e anonimato dessas sociedades, permitindo aos seus membros a criação de um sentimento de pertença, de vínculos de sociabilidade e laços pessoais, assim como códigos de comunicação e comportamentos particulares. Falando em outros termos, se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objetivo de se isolarem de tudo que os rodeia, mas para se reencontrarem com grupos de referências mais próximos dos seus ideais. Como consequência das dificuldades de preservarem a sua diferença nas tramas da sociedade convencional, investem-se em redes relacionais de proximidades que recriam novas cenas urbanas e de filiações social, sendo essas suas principais diferenças em relação a outros grupos de pares de natureza contratual: as tribos expressam formas específicas de sociabilidades. (Matos; Belem, 2019, p. 4).

A tribalização possui, portanto, um caráter socializante. A tribo metaleira encontra-se alinhada a partir de visões e identidades em comum, onde a visualidade, forma de se vestir e se comportar é algo muito forte - é o elemento unificador. Esses elementos em comum vão além, no entanto, apenas do gosto ou predileção musical. No que se refere a identidade cultural, pessoas podem se identificar e

integrar grupos em comum a partir de elementos como uma mesma língua, idade, gênero, orientação sexual, por exemplo. Na imagem abaixo (Fig. 8) um modelo proposto por Crawford (2012), identifica os elementos que orbitam o conceito de identidade cultural.



Figura 6 – Modelo de identidade cultural. Fonte: Crawford, 2012, p. 104.

Dessa forma, é interessante pensar que ainda que uma “tribo metaleira” compartilhe muitos elementos em comum, um grupo de metaleiros no Brasil será diferente de outro na Finlândia. Por isso, é importante delimitar também as características intrínsecas do *metal* em terras brasileiras, já que em um mesmo grupo podemos identificar indivíduos que se identificam na categoria de identidade cultural, mas são heterogêneos entre as categorias orbitantes das quais Crawford (2012) ilustra. O metal no Brasil não é identificado apenas por uma única classe social, raça ou etnia, por exemplo. Por ser um país de proporções continentais, o Brasil rico em diversidade étnica e racial, imprime características igualmente heterogêneas na maneira pela qual a cultura se expressa. Assim, notamos muitas bandas de metal no Brasil, como ilustrado anteriormente, que compartilham características autênticas, resultado dessa

grande diversidade.

1.3 Transgressão, misoginia e cultura popular

O *metal* pode ser identificado como uma forma de rebelião, “que se opõe a qualquer forma de convenção social ou conservadorismo, qualquer coisa estabelecida que permanece inalterada ou imutável”(VILLARREAL, 2000, *apud* ARCE CORTÉS, p. 264, tradução nossa). Nesse sentido, o *metal* como cultura de oposição pode ser entendido também como uma manifestação de contracultura, considerada “uma série de movimentos e expressões culturais, geralmente expressões culturais, geralmente juvenis, coletivas, que vão além, rejeitam, marginalizam, confrontam ou transcendem a cultura institucional” (José Agustín, 1996 *apud* Arce Cortés p. 129, p. 264). Segundo Hutcheon (1991, p. 23), “a cultura pós-moderna tem um relacionamento contraditório com aquilo que costumamos classificar como nossa cultura dominante (. . .) ela não o nega, conforme disseram alguns autores (. . .) em vez disso, contesta-o“. Isso vale para o *metal*, ao observamos como um gênero que tem como essência a rebeldia, expressa através de símbolos, letras e atitudes que contestam a cultura dominante, como o cristianismo, por exemplo.

Dentro do âmbito da cena metaleira, é possível identificar expressões culturais que exemplificam a rebeldia e a contestação da cultura dominante. Bandas renomadas, como Black Sabbath e Iron Maiden, por meio de suas letras e performances, abordam temáticas sombrias e apocalípticas, desafiando as normas sociais estabelecidas. Da mesma forma, artistas como Marilyn Manson, com sua maquiagem extravagante e estilo provocador, representam visualmente uma manifestação impactante que questiona as expectativas tradicionais de aparência e comportamento. Adicionalmente, músicas como “*Angel of Death*“ (Slayer) e “*Refuse/Resist* “ (Sepultura) exploram temáticas controversas e confrontam instituições sociais, tais como a religião e o sistema político. Esses exemplos evidenciam como o movimento metal utiliza símbolos, letras e atitudes para expressar sua oposição à cultura predominante, resultando em uma estética e identidade singulares. Ao explorar essa complexidade multifacetada, o universo metaleiro proporciona um espaço de liberdade e autenticidade para aqueles que se identificam com suas respectivas tribos, desafiando, assim, as convenções sociais preestabelecidas.

A oposição à convenção social dentro da cena metaleira se manifesta não apenas através da música e da estética, mas também por meio de imagens que desafiam as expectativas tradicionais de masculinidade e feminilidade. Essas imagens, muitas vezes, desviam-se do que a sociedade espera como representação padrão desses gêneros. No contexto masculino, vemos homens com cabelos longos, coturnos e tatuagens, que rompem com a noção de normalidade vigente. No entanto, para os homens metaleiros, mesmo que haja uma presença de preconceitos em relação à sua imagem, eles ainda têm uma maior margem de aceitação e reconhecimento dentro da subcultura. Por outro lado, quando olhamos para as mulheres dentro da cena metaleira, encontramos um cenário diferente e mais desafiador. A rebeldia, que é considerada uma característica intrínseca da masculinidade, muitas vezes é vista como uma condição obrigatória para os homens, enquanto para as mulheres é interpretada de forma distorcida. Ao “ousarem” desafiar essas características, as mulheres enfrentam uma resistência ainda mais intensa. A misoginia surge como uma estratégia de demarcação das diferenças intra-grupais, procurando colocar as garotas “em seu devido lugar”, ou seja, excluídas da cena metaleira.

A intensificação da misoginia reflete um conflito latente que visa manter as mulheres à margem do movimento. Embora a presença feminina como público possa ser tolerada, no imaginário masculino há uma tendência ao fetichismo passivo e objetificado. No entanto, quando se trata de assumir papéis de destaque, como performers, líderes de banda, idealizadoras, criadoras e artistas, as mulheres enfrentam barreiras significativas. Elas são frequentemente rejeitadas, desconsideradas e não são percebidas como iguais, a menos que se conformem com os padrões masculinos estabelecidos. A exacerbação da misoginia reflete um conflito que visa colocar as garotas no seu devido lugar, ou seja, fora da cena, “elas são rejeitadas, não são percebidas como iguais, a não ser, que se comportem como homens” (Pacheco, 2006, p. 6).

A sociedade, em geral, tende a olhar com desconfiança e descrédito para qualquer manifestação cultural que desafie as normas preestabelecidas. A presença feminina na cena metaleira não é exceção. Essas mulheres são confrontadas com estereótipos e preconceitos que as descredita e limitam suas possibilidades de expressão e participação plena na subcultura. Diante disso, é

fundamental reconhecer e questionar a exclusão e a desvalorização das mulheres dentro do movimento metaleiro.

De acordo com Szymanski e Mikorski (2017, p. 6), a teoria da objetificação postula que muitas mulheres são sexualmente objetificadas e tratadas como meros objetos a serem valorizados pela sua utilização por outras pessoas. Hoje, vivemos em um ambiente em que as mulheres são frequentemente submetidas a situações que as fazem sentir-se como objetos sexuais, e isso ocorre por diversos motivos. A existência de expectativas relacionadas aos comportamentos tradicionais de gênero contribui para restringir o espaço ocupado pelas mulheres. Além disso, é atribuída uma grande importância aos atributos físicos femininos, estabelecendo uma dinâmica em que a aprovação ou desaprovação está vinculada ao olhar masculino. Szymanski e Mikorski (2017) utilizam a sigla SOE (Sexually Objectifying Environment) para descrever esse cenário. Esse ambiente engloba a presença de atribuições tradicionais de gênero, que são definidas como um conjunto de comportamentos, conceitos e expectativas determinados pelas definições culturais de masculinidade e feminilidade. Na concepção tradicional de gênero, os homens são vistos como naturalmente “viris” e as mulheres como naturalmente “frágeis”. Os homens controladores e dominantes enxergam as mulheres como objetos ou prêmios sexuais a serem possuídos, considerando o sexo como uma conquista de poder. Dessa forma, os papéis tradicionais de gênero atribuídos às mulheres são de serem nutridoras, emocionais, passivas, dependentes, harmoniosas, submissas e de satisfazerem as necessidades dos homens, buscando proteção contra eles, entre outras características (Szymanski; Mikorski, 2017, p. 21).

Segundo Santos (2010), as mulheres não estão mais restritas ao espaço privado, pois também ocupam o espaço público. Por outro lado, os homens estão buscando reposicionar sua condição masculina, reestruturando sua subjetividade e dando origem a uma nova masculinidade, ou até mesmo a múltiplas masculinidades, no contexto pluralizado das relações de gênero. Segundo a autora:

O movimento feminista de emancipação da mulher, ao questionar o ideal de homem viril, contribuiu para o abalo da identidade dominante masculina, expressando a sua rejeição à coerção e ao controle da sociedade patriarcal. Além disso, influenciou na

mudança do comportamento sexual e desenvolvimento da sexualidade entre os sexos, nos padrões de família, na dinâmica de relacionamentos amorosos, por exemplo [. . .] Isso acontece em razão da intimidade passar de uma exigência emocional opressora, para ser considerada uma negociação de vínculos pessoais estabelecidos de forma igualitária e de total domínio e autonomia interpessoal. À medida que o controle masculino sobre a mulher vem se desintegrando, o que tem provocado ainda mais reação de violência às mulheres, em particular, mais se tornam os homens vulneráveis e o modelo de masculinidade acaba cada vez mais questionado. (Santos, 2010, p. 62).

Ao analisar a crise da masculinidade, Santos (2010) identifica a pluralização das relações de gênero, resultante do questionamento do modelo patriarcal baseado na identidade sexual viril e do empoderamento feminista. Essa “nova masculinidade” possibilita a mudança de paradigmas ultrapassados. Connell (1995) argumenta que qualquer forma particular de masculinidade é internamente complexa e até contraditória, e enfatiza a importância de reconhecer a energia, a atividade e a dimensão ativa de uma pessoa em desenvolvimento. Segundo o autor:

Existe uma narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas. Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres. (Connell, 1995, p. 189-190).

Connell (1995) reflete uma narrativa sobre a construção das masculinidades que destaca como as normas culturais podem pressionar os homens a se conformarem com certos comportamentos e emoções, muitas vezes à custa de reprimir seus próprios sentimentos e desenvolver dificuldades nas relações com as mulheres. Além disso, Connell (1995) sugere que há uma complexidade inerente às formas de masculinidade que muitas vezes são contraditórias e que são moldadas por diversas influências sociais. Ao ampliar essas ideias, podemos explorar o conceito de pluralização das relações de gênero mencionado por Santos (2010).

Esse conceito envolve o reconhecimento de que as relações de gênero são mais diversas e multifacetadas do que os papéis tradicionais de gênero permitiriam. À medida que o modelo patriarcal é questionado e o empoderamento feminista ganha força, há também um espaço para repensar e redefinir o que significa ser homem em sociedade. A pluralização abre caminho para a aceitação de diferentes expressões de masculinidade, que não estão necessariamente atreladas a uma identidade viril ou a um distanciamento das qualidades tradicionalmente associadas à feminilidade.

A masculinidade dentro do *metal* também é complexa e contraditória. Através de novas formas de discurso e estética, bem como de uma maneira específica de ser, o metal pode desafiar de forma mais contundente a noção de masculinidade tóxica. A presença de cabelos compridos, calças apertadas, maquiagem e vozes agudas pode ser vista como um contraponto à construção de uma masculinidade rígida. Dentro dessa contradição, o metal se torna uma fonte de análises que vão além da apreciação musical.

Sob a perspectiva do enfraquecimento de uma cultura machista, identificamos que os homens também são vítimas da representação de sua própria dominação: a virilidade. Precisando constantemente “provar que é macho” (Santos, 2010, p. 63) através da demonstração de força, violência e virilidade. Nesse sentido, a produção cultural, especialmente aquela que escapa à lógica de consumo e mercado, desempenha um papel fundamental na consolidação dessas mudanças. A abertura resultante desse processo caminha lado a lado com a maior participação das mulheres na produção cultural e no empoderamento. À medida que as mulheres ocupam espaços anteriormente destinados aos homens e produzem materiais perceptíveis, elas constroem um conjunto de signos e significados capazes de reeducar percepções gerais e individuais sobre o que é produzido. Quanto mais visíveis forem as mulheres na cena metaleira, maior será a possibilidade de aceitação e ruptura dos paradigmas estabelecidos. Em essência, quanto mais mulheres na cena metaleira, menos espaço haverá para a misoginia.

No entanto, devido às limitações impostas pelas concepções misóginas enraizadas na cultura, a representação das mulheres como protagonistas na música só começou a mudar significativamente nas últimas décadas, embora ainda existam muitas incongruências. Em um meio musical dominado por figuras

masculinas e padrões heteronormativos, as mulheres, especialmente as mais jovens, precisam passar por uma série de processos de aceitação, adaptação e aprovação para que seu potencial como protagonistas seja reconhecido, seja tocando instrumentos musicais, cantando ou compondo.

1.4 O metal como objeto de pesquisa

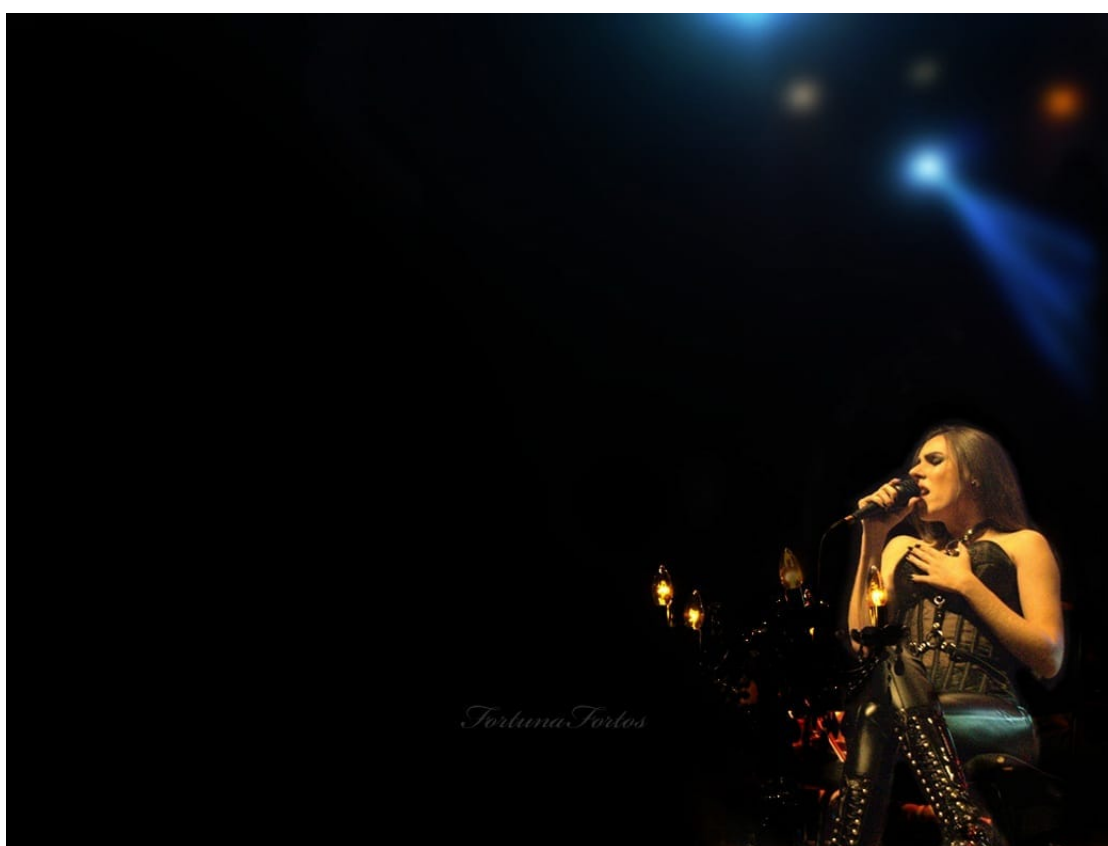


Figura 7 – Olívia Bayer. Figurino: Jerônima Baco & Brito. Fonte: Arquivo pessoal.
Foto: Richard Fortuna. 2020.

O *heavy metal* é um importante e amplo sub gênero musical do *rock*, e não possui uma origem datada, apesar de haver a convenção de que o termo “*heavy meta*” passou a ser oficialmente incorporado e difundido enquanto gênero musical no fim da década de 1960 e início da década de 1970 (Leão, 1997, p. 14). Weinstein (2000), sugere que o metal possui, na realidade, várias histórias. O sentido dessa afirmação é que é impossível determinar um momento exato do surgimento do *metal*. Entre o final dos anos 1960 e início de 1970, bandas britânicas como Led

Zeppelin e Deep Purple exploravam a sonoridade *heavy* (pesado em inglês), oriunda das guitarras e vozes distorcidas, acompanhadas por uma bateria e um contrabaixo intensos que podiam evocar sons explosivo e violentos. Inclusive, autores como Horning (2019), sugerem que o ambiente da Guerra Fria, sobretudo a Guerra do Vietnã, foram um dos gatilhos para o surgimento desta música com caráter e visual agressivos. Segundo Horning (2019, p. 6), o metal foi criado por artistas que procuravam fazer algo diferente e expressar seu descontentamento com a sociedade. Independente das origens, o *metal* se estabeleceu como um gênero sólido, representado hoje em dia em praticamente todos os continentes. A *Encyclopedia Metallum*¹ do portal *Metal Archives* (o maior portal virtual de Metal atualmente) traz os dados das bandas metaleiras registradas no mundo inteiro. Para uma ampla ideia da dimensão desses números, os dados atualizados do *Metal Archives* (2022) indicam as seguintes estatísticas:

- 160.305 bandas aprovadas no registro do portal, das quais 88.258 estão ativas; 3.589 estão em espera; 49.341 estão divididas; 6.614 mudaram de nome e as demais (14.474) são desconhecidas;
- Há um total de 120.575 críticas aprovadas, para 58.663 álbuns únicos;
- Há um total de 42.103 gravadoras. Sendo que: 19.275 estão ativas; 12.908 estão fechadas; 386 mudaram de nome, e o restante (9.326) são desconhecidas;
- Há um total de 820.385 artistas. Sendo que: 677.877 estão ativos; 142.508 deixaram de tocar música/Metal; 7279 faleceram;
- 58.090 são mulheres, 752.306 são homens; 182 são não-binários; 766 são entidades sem gênero (empresas, orquestras, etc.) e 9012 são desconhecidos;
- Há no portal 1.148.971 membros ativos; 499.218 membros inativos para um total de 1.648.189 membros registrados;
- Há um total de 492.007 álbuns e 3.364.110 músicas.

Países com mais bandas de Metal per capita (Ernani, 2021):

1. Finlândia: 53,2 bandas por 100 mil habitantes;

2. Suécia: 37,14 bandas por 100 mil habitantes;
3. Liechtenstein: 27,24 bandas por 100 mil habitantes;
4. Noruega: 26,99 bandas por 100 mil habitantes;
5. Islândia: 22,67 bandas por 100 mil habitantes;
6. Monaco: 19,66 bandas por 100 mil habitantes;
7. Ilhas Faroé: 16,17 bandas por 100 mil habitantes;
8. Gibraltar: 13,78 bandas por 100 mil habitantes;
9. Grécia: 13,27 bandas por 100 mil habitantes;
10. Dinamarca: 12,65 bandas por 100 mil habitantes.

Países com mais bandas de Metal em número absoluto (Ernani, 2021):

1. Estados Unidos: 17.246 bandas;
2. Alemanha: 8.156 bandas;
3. Itália: 4.755 bandas;
4. Brasil: 3.846 bandas;
5. França: 3.761 bandas;
6. Suécia: 3.381 bandas;
7. Finlândia: 2.800 bandas;
8. Polônia: 2.512 bandas;
9. Canadá: 2.504 bandas;
10. Espanha: 2.226 bandas.

Na figura abaixo (Fig. 8) é possível visualizar o número de bandas por habitantes.

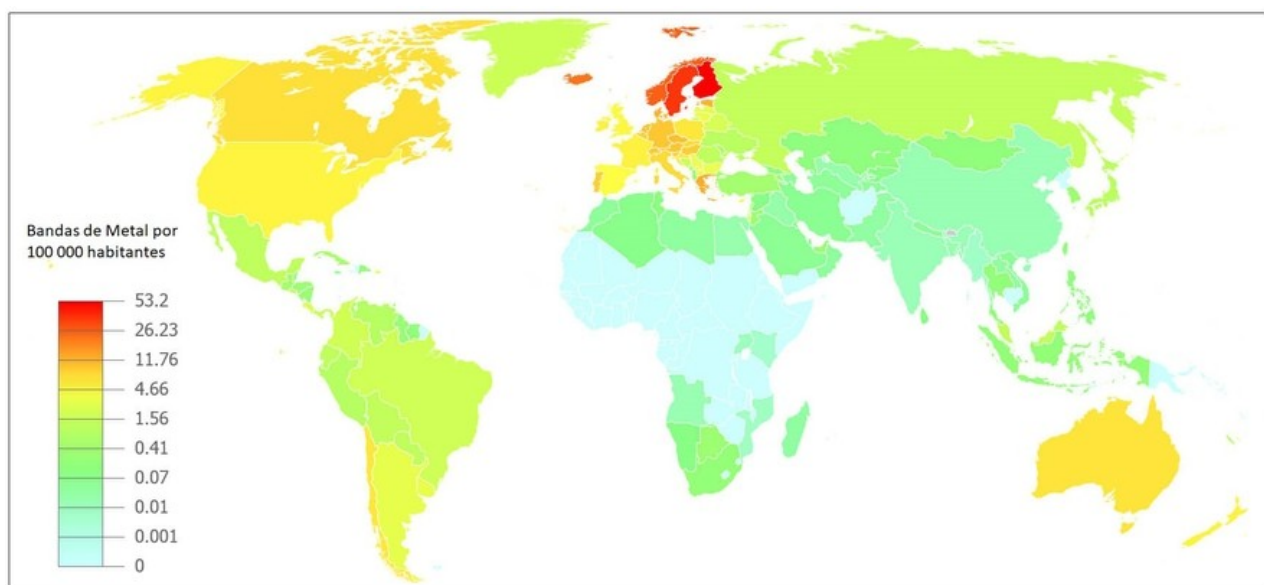


Figura 8 – Número de bandas de metal por 100 000 habitantes. Fonte: Ernani, 2021.

O Brasil se destaca nesse cenário, com aproximadamente 3.800 bandas de metal registradas, colocando-o entre os principais países em número absoluto de bandas (Ernani, 2021). Esse dado reforça a popularidade do metal no país, evidenciada pelos festivais e eventos dedicados ao gênero, bem como pela presença de uma comunidade de fãs fervorosa e engajada.

O surgimento de um grande número de bandas de metal em todo o mundo evidencia a autenticidade desse gênero musical e fornece elementos suficientes para que seja incorporado ao discurso acadêmico. A presença significativa de metaleiros espalhados pelo mundo, especialmente no Brasil, também contribuiu para o desenvolvimento do tratamento acadêmico em relação ao metal. Esse cenário de artistas e fãs engajados proporcionou uma base sólida para a produção de pesquisas e reflexões acadêmicas sobre o tema.

A entrada dos estudos de cultura no campo emergente dos estudos de metal, também conhecidos como *Metal Studies*, foi impulsionada pela primeira coleção editada por Bayer (2009), que abrange uma variedade de estudos interpretativos sobre gêneros do metal, temas de canções e letras de música, fundamentados em estudos comparativos das religiões, estética e literatura comparativa, incluindo clássicos (Campbell, 2009), góticos (Bardine, 2009) e temas distópicos (Taylor, 2009). Outra vertente notável desenvolveu a análise de temas de morte e *black metal*, baseando-se em abordagens linguísticas pós-estruturalistas, filosofia e poética (Bogue, 2004). Essas publicações pioneiras estabeleceram as bases para os estudos acadêmicos no campo do metal.

Embora o campo dos estudos acadêmicos no metal seja extenso, é importante destacar que ele é relativamente recente. No *Journal for Cultural Research*, um periódico especializado em pesquisa cultural, os autores descreveram como “parecia ser impossível falar de ‘metal studies’ de alguma forma que não fosse quase irônica ou melancólica, até que a primeira conferência internacional dedicada à música metal aconteceu em Salzburgo em 2008” (Spracklen *et al.*, 2011, p. 251). Essa conferência em Salzburgo teve um impacto significativo no meio acadêmico e proporcionou maior visibilidade ao campo dos estudos de metal.

1.5 Problematização, hipótese e método

Buscamos compreender as formas pelas quais o gênero *metal* tem influenciado a cena musical brasileira, especialmente as mulheres, e como determinados aspectos da pós-modernidade se refletem neste meio. No decurso desta problemática surgiram, portanto, os seguintes questionamentos: como o *heavy metal* constituído por sua cultura visual pode influenciar o comportamento de um grupo de pessoas? Como são os elementos que compõem a identidade visual do *metal*? Como são os modos de ver da mulher sobre a sua participação e representatividade na cena metaleira? É possível, a partir da consideração imagética que envolve o *metal*, propor uma forma de leitura capaz de educar os sentidos? Partimos, assim, com a ideia de que as imagens para o *metal* possuem uma carga de significados muito presente, seja nos elementos que compõem o visual, as artes das capas de CD's e pôsteres, ou as referências do texto das letras, com inspirações, por exemplo, em histórias fantásticas, símbolos religiosos, etc. É por meio das experiências e vivências socio culturais, assim como sua relativa análise crítica, que abordaremos aqui as questões pertinentes a uma (re)educação de sentidos e significados.

Uma das questões fundamentais que nos guia é a possibilidade de propor uma forma de leitura capaz de educar os sentidos a partir das considerações imagéticas do metal. Através de diferentes modelos de análise, como o semiótico, discursivo, intertextual, estruturalista, hermenêutico e desconstrucionista, abordamos questões pertinentes a uma (re)educação de sentidos e significados. À medida que avançamos para o próximo capítulo, onde exploraremos as visualidades e teorias da imagem relacionadas ao metal, buscamos ampliar o entendimento sobre a complexidade desse fenômeno cultural. Nosso objetivo é compreender como as representações visuais do metal, suas simbologias e discursos emergem dessas visualidades. De acordo com Janotti Junior (2013):

As cenas e os gêneros musicais são corporificados através de agenciamentos performáticos autorreferenciados que transformam lugares/sonoridades em territorialidades afetivas e socioculturais. Antes de ser uma espécie de ocupação sentimental ou emocional

da urbe ou de espaços virtuais, as cenas pressupõem agenciamentos de sujeitos e objetos que afetam e são afetados mutuamente por essas conexões. Nesse caso, essa corporificação é um efeito de presença que se materializa nos gêneros e cenas musicais. (Janotti Junior, 2013, p. 3).

A corporificação de um gênero musical ocorre entre diferentes vertentes e é um importante elemento pelo qual um grupo de pessoas (fãs, ouvintes, entusiastas) pode se identificar. Notamos que muitos dos elementos que compõem essas identidades afetivas e socioculturais, como citado anteriormente, não são exclusivas às pessoas que compartilham interesses musicais em comum. A essência desse comportamento está relacionada com a maneira pela qual o indivíduo age em sociedade. É possível inferir que este seja um dos motivos pelos quais a música, além da sua função e capacidade frutiva, ou de entretenimento, também contribuiu na formação social. A busca do indivíduo por pertencer a um grupo ocorre em outros níveis e atividades, por exemplo, a religião, esporte ou política. Em suma, é dizer que há um objeto de interesse principal em comum e costumes, linguagens, símbolos e imagens que constituem uma espécie de “culto” ao redor desses elementos.

O heavy metal, enquanto linguagem artística plural, revela e expressa intenções e sentidos dessa natureza. Em um mundo pautado por relações de poder e controle, a imagem feminina adquire inúmeros significados expressivos, transcendente às questões musicais, capaz de desvelar uma gama diversa de expressão da visualidade identitária. Mirzoeff (2003), nos traz que, em cultura visual, o objeto de estudo busca uma intersecção entre visibilidade e poder. A partir desta analogia é possível identificar as relações de poder que a imagem feminina produz, promove e estimula. As práticas culturais, questões sociais e de gênero, bem como toda a pluralidade dos significados envolvidos.

2 IMAGENS E IDENTIDADES DA CENA METALEIRA

As imagens possuem um papel fundamental para a percepção do mundo. É por meio dos objetos, signos e símbolos, que se constroem ideias, interpretações, comunicações e identificações. A tentativa de interpretar a multiplicidade de significados inerente às imagens, bem como a superexposição contínua para quem as percebe, leva a um complexo paradoxo, do qual, segundo afirma Alloa (2015, p. 7), “a múltipla proliferação de imagens no mundo contemporâneo parece inversamente proporcional à nossa faculdade de dizer com exatidão ao que elas correspondem”. É notável o número infinito de informações que chegam até a percepção do indivíduo, através das imagens que o influenciam a todo instante. Dado que tudo que se percebe através da visão são imagens e que nossa mente as constrói abstratamente a partir de memórias e percepções, são muitas diversas as suas definições. Aqui nos interessa a definição de Wolff (2005), na explícita:

A imagem é a relação necessária que a coisa aqui presente tem de remeter necessariamente à coisa ausente (de vê-la, ou de pensa-la, de evocá-la). Uma imagem não é então uma coisa, é uma relação com uma outra coisa. Toda imagem é uma imagem *de* alguma coisa. Um desenho ou uma pintura que não represente ninguém pode formar um conjunto de figuras muito decorativas, muito belas, e mesmo muito sugestivas — mas não é uma imagem. É o que acontece se mostrarmos uma imagem a um animal, por exemplo, ele verá formas, mas não uma imagem. Se olho para o céu, posso ver (por acaso), nas formas das nuvens, a imagem de uma pessoa célebre — é uma questão de imaginação. Mas isso não é propriamente falar de uma imagem. A imagem é então a representação de uma coisa ausente, que reproduz certos aspectos da aparência visível. (Wolff, 2005, p. 21).

Especialmente no século XXI, as imagens ocuparam espaços nunca vistos, em grande parte devido aos avanços advindos das novas tecnologias da informação e da comunicação, como o maior acesso à *internet*, *smartphones*, redes sociais, popularização do *streaming* e, paralelamente, um desenvolvimento voraz do aproveitamento do poder da imagem em função da indústria de consumo. O imaginário contemporâneo sofreu inovações que modificaram, inclusive, a relação sujeito/imagem, como aponta Barroso:

As novas tecnologias da imagem, como a imagem computadorizada e a realidade virtual, promovem outro estatuto para a imagem. Com o avanço da computação gráfica, no mundo virtual, tem-se acesso a imagens nunca antes captadas pelo olho humano. A questão de terem ou não referência concreta no mundo material tornou-se sem importância. (Barroso, 2006, p. 93).

A afirmação de que não há importância das imagens virtuais serem referenciadas no mundo material abre um leque de possibilidades sobre a percepção da realidade nunca experimentados. Se as imagens já habitavam tanto o plano da realidade cotidiana material, quanto o espaço onírico e da imaginação, o campo da realidade virtual soma-se a percepção humana e potencializa novas formas de se relacionar com o mundo e com a sociedade e, principalmente, expande as possibilidades da comunicação.

2.1 (re)configuração da representatividade feminina no metal

Nas últimas duas décadas, testemunhamos um notável aumento na presença e participação das mulheres no cenário musical brasileiro, especialmente no gênero metal. Esse movimento é marcado pelo surgimento de bandas lideradas por mulheres, que têm conquistado reconhecimento tanto no âmbito nacional quanto internacional, elevando a voz feminina a patamares antes inimagináveis. Paralelamente, festivais e eventos exclusivamente dedicados às mulheres no metal, como o aclamado “Metal Female Voices Fest” na Bélgica e o inspirador “FemME - Female Metal Event” na Holanda, têm desempenhado um papel crucial ao criar espaços de visibilidade e celebração para o talento e a expressão artística das mulheres.

O avanço da representatividade feminina no metal também tem sido impulsionado pelo advento das redes sociais e plataformas de streaming. Através desses canais, as artistas encontraram meios de compartilhar seu trabalho de forma independente, alcançar um público mais amplo e estabelecer conexões valiosas com outros músicos e fãs, transcendendo fronteiras geográficas e barreiras tradicionais da indústria musical. As playlists personalizadas e os algoritmos de recomendação desempenham um papel fundamental na descoberta e promoção de talentos femininos, ampliando a

diversidade e a acessibilidade do conteúdo musical disponível para o público.

É crucial ressaltar que esse progresso não ocorre em um vácuo social, mas sim em um contexto em que a comunidade metal tem se mostrado cada vez mais acolhedora e solidária. Existe uma conscientização crescente sobre a importância da igualdade de gênero e do combate ao sexismo no meio, impulsionada tanto pelos esforços individuais das artistas quanto por movimentos coletivos que buscam uma cena metal mais inclusiva e justa. Iniciativas como o “*Metal Without Borders*” e “*Metalheads Against Racism*” destacam a importância da diversidade e inclusão na cena, fortalecendo a luta por igualdade e respeito. A (re)configuração da representatividade feminina no metal não é apenas um fenômeno musical, mas um movimento social e cultural de empoderamento. A presença cada vez mais expressiva das mulheres nesse gênero desafia estereótipos arraigados, desmistifica preconceitos e inspira novas gerações de artistas e fãs. É um processo contínuo de transformação, no qual a voz feminina ressoa com força e autenticidade, redefinindo o cenário musical e abrindo caminhos para a construção de um futuro mais igualitário. A busca por equidade de gênero e a valorização da diversidade são pilares fundamentais desse movimento, sustentando uma nova era de expressão artística e de empoderamento feminino no metal.

2.2 Percepção imagética e a descoberta de significados

As imagens desempenham um papel crucial em nossa percepção e compreensão do mundo ao nosso redor. Através dos objetos, signos e símbolos visuais, construímos ideias, interpretamos informações, estabelecemos comunicações e forjamos identificações. No entanto, a crescente sobre-exposição as imagens e a multiplicidade de significados inerentes a elas nos conduzem a um complexo paradoxo. Ao contemplar uma imagem, somos confrontados com uma rede complexa de associações, memórias e contextos que moldam nossa compreensão e resposta emocional a ela. A fotografia transcende sua mera representação visual e se torna um veículo para a expressão e a construção de significados individuais e coletivos.

Seguindo a perspectiva de Barthes (1984), podemos entender que a imagem fotográfica não se limita a uma simples reprodução do real, mas

também carrega consigo uma carga simbólica e uma infinidade de possibilidades interpretativas. Como ele afirma, “o que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (Barthes, 1984, p. 13). Cada imagem captura um momento único e irrepitível, mas sua reprodução nos permite revisitá-lo e explorar novas camadas de significado.

Ao olhar para uma fotografia, somos convidados a transcender sua superfície visual e a mergulhar em um universo de associações e memórias. Como Barthes aponta, “a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem” (Barthes, 1984, p. 22). A presença da câmera e a consciência de estar sendo fotografado nos fazem assumir papéis e construir uma representação de nós mesmos. A imagem fotográfica vai além do registro visual e se torna uma forma de autorrepresentação e autodescoberta.

No contexto do mundo metaleiro, as imagens fotográficas desempenham um papel fundamental na construção da identidade e expressão artística. Elas capturam os momentos de intensidade e energia dos shows, os visuais marcantes dos músicos e as interações entre a banda e o público. Cada foto tem o potencial de evocar uma miríade de emoções e significados para os fãs do metal. A imagem de um guitarrista empunhando sua guitarra com paixão, o vocalista em pleno êxtase no palco ou a plateia unida em um gesto de devoção são exemplos de momentos congelados no tempo que transmitem a energia e a essência do universo metaleiro. Nesse sentido, a fotografia no contexto do metal vai além do mero documento visual e se torna uma forma de comunicação e conexão entre artistas e fãs. Ela permite que os admiradores revivam experiências passadas, criem narrativas e compartilhem suas emoções com outros membros da comunidade metal. Cada imagem é interpretada de maneira única, influenciada pelas vivências e referências individuais de cada pessoa.

Da mesma forma, John Berger (1972), em ‘Modos de Ver’, nos faz refletir sobre como a sociedade contemporânea é moldada pela cultura visual, ele nos convida a refletir sobre como a sociedade contemporânea é moldada pela cultura visual. Como ele coloca: “A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Na Idade Média, quando os homens

acreditavam na existência física do Inferno, a visão do fogo devia ter um significado diferente do que tem hoje” (Berger, 1972, p. 8). Berger (1972) nos lembra que nossa percepção visual é influenciada pelo contexto cultural e pelas nossas próprias experiências.

O autor argumenta que a visão não é apenas um processo mecânico de reagir a estímulos, mas também uma questão de escolha ativa. “Só vemos o que olhamos. Olhar é um ato de escolha. Como resultado desse ato, o que vemos é trazido ao nosso alcance - embora nem sempre esteja ao alcance da nossa mão. Tocar algo é se situar em relação a ele” (Berger, 1972, p. 9). Berger (1972) enfatiza que nossa visão está em constante movimento e que estamos sempre relacionando o que vemos com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor.

Além disso, Berger aborda o papel das imagens como registros visuais que podem perdurar além do que elas representam. Ele afirma: “Gradualmente ficou evidente que uma imagem poderia sobreviver ao que ela representava; então ela mostrava como algo ou alguém havia sido visto anteriormente - e, por implicação, como o sujeito havia sido visto por outras pessoas” (Berger, 1972, p. 10). Berger (1972) destaca que as imagens são testemunhos diretos do mundo que cercava outras pessoas em outros tempos, oferecendo uma riqueza de informações sobre a história e a experiência visual da humanidade.

No entanto, Berger (1972) ressalta que quando uma imagem é apresentada como obra de arte, a maneira como a vemos é afetada por uma série de pressupostos aprendidos sobre arte. Ele afirma: “Assumimos a beleza, a verdade, o gênio, a civilização, a forma, o status, o gosto, etc. Muitas dessas suposições não estão mais de acordo com o mundo como ele é” (Berger, 1972, p. 11).

Assim, a análise de Berger sobre a percepção visual e o papel das imagens nos convida a refletir sobre a relação entre o que vemos e o que sabemos, levando em consideração a influência cultural e as suposições que moldam nossa interpretação visual. Sobre os fenômenos de imagem, Mitchell (1986) observa que:

Dois aspectos devem imediatamente chamar a atenção de quem tenta ter uma visão geral dos fenômenos chamados de imagens. O primeiro é a ampla variedade de coisas que são chamadas por esse nome. Falamos

de pinturas, estátuas, ilusões ópticas, mapas, diagramas, sonhos, alucinações, espetáculos, projeções, poemas, padrões, memórias e até mesmo ideias como imagens, e a pura diversidade dessa lista parece tornar qualquer entendimento sistemático e unificado impossível. (Mitchell, 1986, p. 9, tradução nossa³).

Mitchell (1986) sugere que, ao invés de buscar uma definição geral, devemos considerar as imagens como uma “família dispersa” que migrou ao longo do tempo e do espaço, passando por transformações significativas no processo. Ele argumenta: “se as imagens são uma família, no entanto, pode ser possível construir algum sentido de sua genealogia.” (Mitchell, 1986, p. 9, tradução nossa⁴). Por exemplo, as imagens mentais estão ligadas à psicologia e à epistemologia, enquanto as imagens ópticas são estudadas pela física. As imagens gráficas, esculturais e arquitetônicas são objeto de análise do historiador da arte, e as imagens verbais são investigadas pelo crítico literário. Mitchell escreve: “Cada ramo desta árvore genealógica designa um tipo de imagética que é central para o discurso de alguma disciplina intelectual.” (Mitchell, 1986, p. 10, tradução nossa⁵).

Dentro dessa diversidade de imagens, Mitchell (1986) destaca alguns elementos que desempenham um papel crucial na compreensão e interpretação. Ele menciona as “espécies” ou “formas sensíveis”, que emanam dos objetos e se imprimem nos nossos sentidos, assim como os “fantasmata”, que são versões revividas de impressões evocadas pela imaginação. Além disso, há os “dados dos sentidos” ou “percepções” que desempenham um papel análogo na psicologia moderna. Mitchell afirma: “Esta é a região ocupada por uma série de criaturas estranhas que assombram a fronteira entre as abordagens físicas e psicológicas das imagens.” (Mitchell, 1986, p. 10, tradução nossa⁶).

Ao considerar as obras de Barthes (2012), Berger (1972) e Mitchell

³ No original: “Two things must immediately strike the notice of anyone who tries to take a general view of the phenomena called by the name of imagery. The first is simply the wide variety of things that go by this name. We speak of pictures, statues, optical illusions, maps, diagrams, dreams, hallucinations, spectacles, projections, poems, patterns, memories, and even ideas as images, and the sheer diversity of this list would seem to make any systematic, unified understanding impossible.”

⁴ No original: “If images are a family, however, it may be possible to construct some sense of their genealogy.”

⁵ No original: “Each branch of this family tree designates a type of imagery that is central to the discourse of some intellectual discipline.”

⁶ No original: “This is the region occupied by a number of strange creatures that haunt the border between physical and psychological accounts of images.”

(1986), somos levados a refletir sobre a multiplicidade de significados contidos nas imagens, a relação entre imagem e realidade, bem como os aspectos socioculturais e políticos envolvidos na sua interpretação e disseminação. Esses autores nos apresentam uma gama de questões intrigantes que transcendem os estudos visuais e estéticos, nos convidando a explorar novos horizontes.

A partir das análises de Barthes (2012) sobre a fotografia e sua ambiguidade, somos levados a questionar até que ponto a imagem fotográfica reflète a verdade objetiva e até que ponto ela é permeada pela subjetividade do observador. Berger (1972), por sua vez, nos chama a atenção para a relação entre imagens e poder, destacando como as representações visuais são influenciadas por valores culturais e ideologias dominantes. Ele nos instiga a questionar as estruturas de poder que moldam a interpretação das imagens e a forma como elas são consumidas pela sociedade. Mitchell (1986), em seu estudo sobre iconologia, nos leva a explorar a genealogia das imagens e a compreender sua multiplicidade de formas e significados ao longo do tempo e do espaço. Ele nos convida a refletir sobre as “espécies” ou “formas sensíveis” que emanam dos objetos e se imprimem em nossos sentidos, assim como os “fantasmata” que são versões revividas de impressões evocadas pela imaginação. Esses conceitos abrem caminho para uma compreensão mais ampla da interpretação visual e da influência das imagens em nossas percepções e entendimentos do mundo.

Nesse contexto, a relação entre os estudos sobre imagens e o metal como um gênero musical torna-se um campo fértil para a análise. Como as imagens presentes nas capas de álbuns, nos cenários dos shows e nas letras das músicas contribuem para a construção de uma identidade visual e estética do metal? Como essas imagens evocam emoções, transmitem mensagens e criam uma atmosfera singular dentro do universo do metal? Essas são questões que podem ser exploradas a partir das perspectivas oferecidas pelos estudos mencionados.

Em suma, as obras desses autores nos proporcionam um panorama enriquecedor sobre a natureza das imagens, sua interpretação e sua relação com a sociedade. Elas nos convidam a questionar as estruturas de poder envolvidas na produção e consumo de imagens, a refletir sobre a multiplicidade de significados que podem ser atribuídos a elas e a explorar novas abordagens e

perspectivas no estudo das representações visuais. A partir dessas reflexões, podemos abrir novos horizontes de análise e compreensão do mundo visual que nos cerca.

2.3 O Olhar Além: poéticas visuais e análises sistêmicas

Uma única imagem pode comunicar-se de diferentes formas, causando reações distintas ou similares a depender da relação do indivíduo e sua construção racional sobre aquilo que observa. Seja uma ilustração em um livro escolar, ou a própria imagem presencial de pessoas e objetos, haverá, da parte de quem observa, a possibilidade de interpretar sob vários prismas aquilo que se vê. Para Berger (1999), o olhar vem antes das palavras, ou seja, a experiência visual, seja em relação a uma obra de arte, uma paisagem ou uma ilustração, a interpretação ocorre primeiramente a partir do indivíduo, e a carga de significado para determinada imagem estará intrinsecamente associada a experiência individual em princípio. Sobre essa relação, Berger (1999) explica:

A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Na Idade Média, quando o homem acreditava na existência física do Inferno, a visão do fogo deve ter significado algo diferente do que significava hoje. Não obstante, a ideia que fazia do Inferno devia-se muito à visão do fogo consumindo e das cinzas que permaneciam, assim como à sua experiência da dor das queimaduras. (Berger, 1999, p. 10).

A ideia de que o que vemos é afetado pelo que sabemos ou pelo que acreditamos é reveladora. Se por um lado há um sistema de análise da obra de arte cujas premissas se baseiam em pontos como Beleza, Verdade, Gênio, Civilização, Forma, Status, etc., por outro a análise baseada na experiência pessoal e no olhar crítico permite uma percepção talvez mais contextualizada e preposicionada. Para Berger (1999), essas premissas “mistificam ao invés de esclarecer”, tornando as obras de arte “desnecessariamente remotas”.

Para além de uma simples forma de análise, Berger amplia a experiência sensorial e coloca o indivíduo como partícipe do significado. Portanto, a percepção e análise da imagem a partir desses termos permite uma participação em primeiro plano, o que dá poder ao indivíduo. Ora, se na História da Arte muito se fala

sobre os “gênios”, a “beleza inexorável”, a “perfeição” etc., essa mesma categorização pré-estabelecida deixa de fora o olhar crítico, que considera aspectos menos genéricos, sobre a História da Arte e das obras, seja nas artes visuais, ou mesmo na música. Os mesmos livros de História da Arte que assumem as obras como frutos de uma genialidade imbuída de “beleza” e “verdade”, deixam de fora os elementos contraditórios que se veem presentes em diversos momentos da história da civilização. O objetivo nesse momento não é adentrar profundamente na seara dessas contradições, mas serve a reflexão pensarmos quantas mulheres artistas superaram muitos “gênios”, mas que não tiveram espaço nos livros de História, pelo fato de serem mulheres. Em suma, as diversas qualidades e características intrínsecas do conjunto de imagens ao longo da história, influenciaram diretamente na ilustração e criação de símbolos que dizem respeito a comunicação e expressão visual na sociedade. Santaella (2012), defende a ideia de uma leitura crítica sobre as imagens, como uma expansão de habilidades interpretativas, dadas as devidas proporções e equivalências, à leitura textual e suas possibilidades. Sobre isso ela afirma:

(...) deveríamos ser capazes de desmembrá-la parte por parte, como se fosse um escrito, de lê-la em voz alta, de decodificá-la, como se decifra um código, e de traduzi-la, do mesmo modo que traduzimos textos de uma língua para outra. (Santaella, 2012, p. 12).

Analisar uma imagem, considerando meticulosamente diferentes aspectos e particularidades, como proposto pela autora, é uma concepção muito pertinente. Esta leitura não se limita, portanto, apenas a identificar a temática de uma imagem, mas compreender também que *tipo* de influência e elementos nela constam. Uma análise crítica de uma pintura, por exemplo, deve considerar elementos como, contexto histórico, social, aspectos da personalidade do artista, técnica utilizada, entre outros.

Conforme a imagem passa a ser compreendida como signo, torna-se necessário o conhecimento dos códigos e sua organização racional para a sua compreensão. Assim, temos a disposição diferentes tipos de “sistemas” de análise, que relacionam os aspectos formais e expressivos das imagens, através de classificações e racionalizações da leitura visual. Esses sistemas são

abrangentes e a depender do autor tem um foco principal, mas que pode ser aplicado de modo transversal, ou seja, podem servir para outras áreas.

2.4 Propostas de análise

No estudo da análise e interpretação das imagens, alguns autores se destacam como referências fundamentais. Entre eles, destacamos Robert Willian Ott e Sardelich, cujas obras e pesquisas têm contribuído significativamente para a compreensão da complexidade visual e sua relação com a percepção individual. Vamos aqui explorar as abordagens propostas por esses autores, com ênfase nas categorias de análise das imagens, e relacioná-las ao contexto do universo metaleiro.

Robert Willian Ott é conhecido por sua obra “*Experiencing Art Around Us*” (Experienciando a Arte ao Nosso Redor), na qual ele apresenta seu sistema de apreciação chamado “*watching*” (observando). Esse sistema, voltado para a educação artística, enfatiza o diálogo entre educador e educando, estimulando a percepção e a análise das obras de arte. Em sua abordagem, Ott propõe seis momentos fundamentais: aquecendo, descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando. Cada um desses momentos tem o objetivo de preparar o educando para uma compreensão mais profunda e pessoal da obra de arte.

Por outro lado, Sardelich, em sua obra “Imagem, Representação, Análise” (2006), oferece uma perspectiva mais ampla e embasada no formalismo e na semiótica. Seu enfoque se concentra na leitura das imagens a partir de signos e espacialidades, considerando diferentes aspectos que influenciam a interpretação visual. Dentre as categorias de análise propostas por Sardelich, destacam-se:

Espacial: essa categoria leva em conta o ponto de vista adotado na contemplação da imagem, considerando as relações espaciais presentes na composição visual, como a disposição dos elementos no espaço da obra.

Gestual e cenográfico: essa análise busca identificar as sensações que são transmitidas pelos gestos das figuras retratadas na imagem, bem como pelos elementos do cenário, como vestuário, maquiagem e cenografia.

Lumínico: o estudo da fonte de luz presente na imagem e seu efeito sobre a percepção visual. A luz frontal, por exemplo, pode achatar as figuras, enquanto a luz de cima para baixo acentua os volumes e a luz de baixo para

cima pode produzir deformações inquietantes.

Simbólico: essa categoria considera as convenções e associações simbólicas presentes na imagem, como símbolos culturais ou referências específicas que carregam significados.

Gráfico: analisa a composição visual da imagem, levando em conta o enquadramento, a proximidade ou distanciamento dos elementos, o uso de planos e ângulos, entre outros elementos gráficos.

Relacional: essa análise busca compreender as relações espaciais estabelecidas na composição da imagem, como tensões, equilíbrios, paralelismos, antagonismos e complementaridades.

Ao aplicarmos essas categorias de análise ao universo metaleiro, podemos explorar diferentes imagens representativas desse estilo musical, como fotografias de bandas, capas de CDs, camisetas, adesivos, entre outros elementos visuais. É importante ressaltar que essa análise não se limita apenas à imagem visual, mas também considera a relação entre o visual e a música em si, compreendendo-a como o resultado da combinação de letras e instrumentais.

3 AS IMAGENS DO METAL NACIONAL FEMININO

3.1 Breve panorama da história recente da cena metaleira

Em uma realidade onde o *metal* se estabeleceu com uma série de percalços, é bastante satisfatório notar como a cena cresceu no Brasil nos últimos anos e como cada vez mais as mulheres ocuparam estes espaços. No contexto do metal brasileiro, é importante mencionar que o gênero enfrentou uma série de dificuldades ao longo de sua trajetória, como relata Batalha (2016):

Tudo isto [diversas dificuldades] somado ao desprezo dos veículos de comunicação e da mídia em geral, exceção feita à algumas emissoras de rádio e alguns esporádicos programas de vídeos em nossos canais de televisão, e a mentalidade retrógrada de algumas pessoas que achavam que aquilo tudo não passava de uma loucura e um barulho ensurdecedor, de certa maneira, impediam o crescimento da cena no Brasil. (Batalha, 2016).

Nas últimas décadas, o cenário do metal no Brasil passou por importantes transformações impulsionadas por diversos fatores históricos e culturais. Nesse período, houve uma melhoria significativa na disponibilidade e acessibilidade dos equipamentos musicais, o que permitiu que mais bandas surgissem e se estruturassem. Além disso, a presença de shows de bandas consagradas do heavy metal internacional em grandes festivais e eventos musicais no país também teve um papel fundamental nesse processo de desenvolvimento da cena metal brasileira. Foi nessa época que surgiram e ganharam destaque bandas icônicas como Angra e Sepultura. Essas bandas, além de conquistarem espaço e reconhecimento internacional, desempenharam um papel crucial ao influenciar e “puxar” outras bandas emergentes no Brasil. A partir da projeção dessas bandas, houve uma maior visibilidade do metal brasileiro no exterior, o que contribuiu para consolidar a reputação e a qualidade das produções musicais do país nesse gênero.

A disseminação do metal pelo território brasileiro também foi um aspecto marcante nessa época. Bandas de metal surgiram e se espalharam por todos os estados do país, mostrando a diversidade e a força do cenário metal nacional. Essa descentralização foi crucial para a criação de uma identidade própria para

o metal brasileiro, que absorveu influências regionais e culturais, enriquecendo ainda mais a sua expressão artística.

Atualmente, o Brasil ocupa um lugar de destaque na cena mundial do metal, ocupando o 4º lugar em número absoluto de bandas metal, conforme apontado por Ernani (2021). Essa posição reforça a importância e o impacto do metal brasileiro no panorama global, bem como o legado deixado pelas bandas pioneiras que abriram caminho para a consolidação e a proliferação do gênero no país.

É importante destacar que a história do metal no Brasil é marcada não apenas por desafios e dificuldades, como mencionado anteriormente, mas também por um espírito de resistência, paixão e superação. A cena metal brasileira representa um movimento cultural vibrante e diversificado, com uma comunidade de fãs fervorosos e talentosos músicos que continuam a enriquecer e expandir o legado do metal no país.

Observamos um crescente surgimento de bandas no cenário do metal brasileiro, especialmente aquelas formadas apenas por mulheres ou que contam com a presença feminina. Para exemplificar a diversidade e representatividade dessas bandas, listamos alguns nomes importantes a partir da década de 1990. Vale ressaltar que, no universo do cenário underground, é comum ocorrerem mudanças de integrantes, variações de tempo de atuação e influências regionais. Portanto, a lista organizada por data de criação e região de origem serve como uma ilustração para destacar a ampla variedade de bandas com mulheres no Brasil. Essa tendência reflete a crescente participação feminina no mundo do metal e a busca por espaço e reconhecimento dentro dessa cultura musical. É inspirador testemunhar a força e a expressão artística dessas bandas, que contribuem para a diversidade e a evolução da cena do metal brasileiro.

Observamos um crescente surgimento de bandas no cenário do metal brasileiro, especialmente aquelas formadas apenas por mulheres ou que contam com a presença feminina. Vale ressaltar que, no universo do cenário underground, é comum ocorrerem mudanças de integrantes, variações de tempo de atuação e influências regionais. Portanto, a lista organizada por data de criação e região de origem serve como uma ilustração para destacar a ampla

variedade de bandas com mulheres no Brasil. Essa tendência reflete a crescente participação feminina no mundo do metal e a busca por espaço e reconhecimento dentro dessa cultura musical. É inspirador testemunhar a força e a expressão artística dessas bandas, que contribuem para a diversidade e a evolução da cena do metal brasileiro.

Se adicionarmos as décadas de 70 e 80 ao cenário das bandas de metal com mulheres no Brasil, é importante notar que houve uma presença bastante limitada nesse período. O metal ainda estava em desenvolvimento no país, e a participação feminina nesse gênero musical era ainda mais rara.

Durante as décadas de 70 e 80, o metal estava em seus primeiros passos no Brasil, e a maioria das bandas era formada por homens. Nessa época, o cenário musical era dominado por bandas como Sepultura, Viper, Sarcófago e Angra, que eram compostas exclusivamente por músicos masculinos. A presença de mulheres em bandas de metal no Brasil nessa época era praticamente inexistente. Questões culturais, estereótipos de gênero e a própria natureza do metal, que historicamente tem sido dominado por homens, podem ter contribuído para essa falta de representatividade feminina.

Foi apenas a partir dos anos 90, e mais notavelmente no início dos anos 2000, que começamos a ver um aumento gradual no número de bandas de metal com mulheres no Brasil. Esse crescimento continuou ao longo dos anos seguintes, como mencionado anteriormente. Portanto, se considerarmos as décadas de 70 e 80, a presença de bandas de metal com mulheres era extremamente limitada, e a representatividade feminina nesse gênero musical só começou a se fortalecer mais tarde, a partir dos anos 90 e principalmente no início dos anos 2000.

No entanto, não podemos deixar de mencionar a banda Placenta, criada em 1985, somente com mulheres. Um feito pioneiro, importante na constituição da história do gênero metal no Brasil e na história das mulheres na música.

3.2 Placenta

A banda Placenta foi uma banda de metal pioneira, formada em 1985 somente por mulheres. Existem poucos registros sobre a banda e o pouco que encontramos foi material disponibilizado online, a maioria deles baseado em uma

mesma referência, sendo uma delas o registro da banda no portal Metal Archives⁷ e uma mais antiga no blog Rock Dissidente, que contém algumas informações que nos ajudam a compreender melhor a história da banda. Sob a liderança da guitarrista Vitória do Carmo, a banda procurou forjar um caminho distinto em um domínio amplamente masculino. Antes de fundar a Placenta, Vitória do Carmo havia iniciado uma banda chamada Lady Satã em 1983, que era composta por membros femininos da sua família. Lady Satã foi um esforço inicial para tocar heavy metal inspirado em bandas renomadas como Twisted Sister e Quiet Riot. Embora Lady Satã não tenha durado muito tempo, a experiência foi fundamental para a eventual formação da Placenta.

Em 1985, após conhecer Marília em um concerto, Vitória foi incentivada a criar uma nova banda. Com a adição de Marília ao baixo, junto com Paula nos vocais, Ana Maria na guitarra e Andréia na bateria, nasceu a Placenta. O som da banda foi moldado por influências do metal extremo emergente na época, incluindo bandas como Celtic Frost, Discharge e Venom. Além disso, a interação com bandas locais como Sarcófago e Holocausto desempenhou um papel importante na evolução do som da Placenta. Interessante notar que a formação exclusivamente feminina não foi motivada por um objetivo feminista, mas sim por um desejo de inovação e diferenciação no cenário musical de Belo Horizonte. A banda atraiu atenção e gerou interesse, especialmente por ser um grupo de mulheres em um gênero musical predominantemente masculino.

No entanto, a trajetória da banda foi de curta duração. A Placenta enfrentou obstáculos internos, incluindo o crescimento de egos e conflitos entre os membros. Um episódio significativo ocorreu quando foram convidadas a participar de um álbum coletâneo, mas recusaram a oferta devido à inexperiência e falta de confiança em seu potencial. Isso acarretou tensões adicionais e, em 1987, a banda acabou se dissolvendo. (Rock Dissidente, 2013).

Após o término da Placenta, os membros seguiram caminhos diversos. Marília juntou-se brevemente a outra banda, enquanto Vitória permaneceu ativamente envolvida no cenário underground. Não foram produzidos registros oficiais da música da Placenta e as gravações de apresentações ao vivo e ensaios se perderam com o tempo. A memória da banda foi revivida parcialmente com a chegada da internet, embora às vezes com informações imprecisas. Vitória do

⁷ Disponível em: <https://www.metal-archives.com/bands/Placenta/12388>. Acesso em: abr. 2022.

Carmo, em particular, expressou orgulho por seu envolvimento na Placenta e pelo legado que a banda deixou. Ela participou do documentário “Mulheres no Metal” (FONSECA, 2013), que apresenta entrevistas e relatos de várias bandas femininas de metal, incluindo Placenta. Em suma, a Placenta representa um momento significativo na história do metal brasileiro, destacando-se como pioneira no empoderamento feminino dentro de um gênero tradicionalmente dominado por homens.

3.3 Machismo enraizado

Um fato que nos chama atenção é que no pouco conteúdo disponível sobre a Placenta, pudemos encontrar comentários da época e outro mais recente, que revelam o machismo enraizado e o preconceito em relação às mulheres na cena. Segundo recorte da Revista Metal sobre a Placenta, “este grupo é, sem dúvida, um tormento para os ouvidos, mas um colírio para os olhos”, ou como podemos ler na legenda da imagem do recorte da Revista “Placenta, o Hardcore-Metal que faz bem aos olhos” (Fig. 15).



Figura 9 – Banda Placenta na *Revista Metal*. Fonte: Blog Rock Dissidente.

A utilização de estereótipos de gênero procura diminuir a importância da banda ao desvalorizar a qualidade musical da banda e ressaltar apenas sua aparência visual. Ao afirmar que o grupo é um “tormento para os ouvidos”, está

se insinuando que as mulheres não são capazes de produzir uma música de qualidade no gênero do metal. Além disso, ao descrevê-las como um “colírio para os olhos”, reduz-se sua importância e talento artístico ao aspecto visual, reforçando uma visão objetificadora e sexista. Sobre a objetificação das mulheres, Swain (2000) esclarece:

O corpo não é apenas discursivamente construído, é objetivado numa escala de valores e atributos que além das identidades, estabelecem seus critérios “verdadeiros”: a “verdadeira mulher”, sedutora, bela, implacável, imagem à qual procuram se identificar milhões de seres marcados no feminino. (Swain, 2000, p. 70).

Swain (2000) discorre sobre como o corpo feminino é construído discursivamente e colocado em uma escala de valores e atributos que estabelecem uma definição de “verdadeira mulher”, associada a características sedutoras e belas. Essa idealização cria uma pressão para que as mulheres se identifiquem com essa imagem objetificada, reforçando estereótipos de gênero e perpetuando relações desiguais de poder.

Ao analisar a frase que descreve a banda feminina de metal dos anos 80 como um “tormento para os ouvidos, mas um colírio para os olhos”, podemos perceber como ela se encaixa nessa perspectiva objetificadora e reforça a visão limitada e sexista de que as mulheres devem se adequar a um ideal de beleza e sensualidade em detrimento de seu talento musical. Essa análise nos convida a questionar e desconstruir essas visões restritivas e estereotipadas sobre as mulheres na música, valorizando seu talento, criatividade e contribuição artística, independentemente de padrões estéticos preestabelecidos.

Em outra fonte, no portal alemão Metaleros⁸, sem autoria e sem data, a banda Placenta e outras bandas de metal femininas brasileiras são comentadas em um artigo que leva o título de “Brazil Maidens”. Logo no primeiro parágrafo do artigo lê-se:

A maioria das pessoas que lêem essa manchete certamente pensa primeiro em garotas dançando samba no carnaval! Mas há muito mais no Brasil do que garotas seminuas sob o sol tropical! Se procurarmos intensamente, encontraremos mulheres que tocam rock pesado! Elas são muito raras no Brasil, muitas pessoas não

⁸ Disponível em: http://www.metaleros.de/countries/brazil/brazil_maidens.html. Acesso em: mar. 2022.

conhecem nenhuma delas. Hoje em dia, a situação é ainda pior do que há cerca de 10 anos, pois parece não haver mais nenhuma banda exclusivamente feminina! Também existem apenas duas bandas com vocalistas que lançaram álbuns recentemente. Os tempos em que o VOLKANA era conhecido mundialmente e liderava um pequeno grupo de bandas com mulheres acabaram. Acompanhem-me na selva do metal brasileiro e conheçam as poucas Amazonas que resistem à supremacia da música tropical em seu país de origem! (Metaleros, s. d.).

O texto apresenta diversos problemas relacionados ao machismo e aos estereótipos de gênero presentes no contexto musical. Essas questões incluem a redução das mulheres a objetos de prazer visual, a desvalorização de sua presença no rock, a comparação entre gêneros musicais de forma hierárquica e a falta de representatividade feminina na indústria da música. Essas problemáticas reforçam desigualdades estruturais e barram o avanço das mulheres nesse campo. A visão objetificadora e limitante das mulheres na música, como exemplificado nas citações, pode ser analisada à luz de diferentes perspectivas feministas. Autoras feministas têm abordado essa questão e oferecido insights valiosos para compreender e combater a objetificação das mulheres na sociedade e na indústria musical. A controvérsia sobre o significado da construção parece ser baseada na polaridade filosófica convencional entre livre-arbítrio e determinismo (Butler, 2003). Butler levanta a suspeita de que algumas restrições linguísticas comuns ao pensamento são responsáveis por moldar e limitar os termos desse debate. Dentro desses limites, o conceito de “corpo” é frequentemente retratado como um meio passivo no qual os significados culturais são inscritos, ou como um instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio que está apenas externamente relacionado a um conjunto de significados culturais (Butler, 2003, p. 27).

Essa perspectiva de Butler chama a atenção para a maneira como as normas de gênero são imbuídas na sociedade e como elas influenciam nossa compreensão da construção e significado do corpo. Ao questionar a noção de que o corpo é simplesmente um objeto passivo, Butler desafia as estruturas que mantêm a subordinação das mulheres e propõe uma abordagem mais crítica e subversiva em relação às normas de gênero.

Do ponto de vista analítico, podemos examinar como essas artistas desafiam as normas sociais e redefinem os limites do que é considerado “feminino” no contexto do metal. Suas trajetórias e experiências podem revelar os desafios que enfrentaram, como a resistência ao machismo e os estereótipos de gênero, e como encontraram formas de se posicionar e reivindicar seu espaço.

A imagem das artistas femininas no contexto do metal desempenha um papel importante na desconstrução dos estereótipos de gênero e na redefinição do que é considerado “feminino” nesse estilo musical. Ao analisar sua imagem, podemos observar como elas desafiam as normas sociais e as expectativas tradicionais de como as mulheres devem se apresentar e se comportar na música. Através de sua imagem, essas artistas quebram padrões estéticos estabelecidos, que muitas vezes associam o feminino a uma feminilidade estereotipada, delicada e submissa. Elas podem adotar uma aparência visualmente mais agressiva, incorporando elementos do estilo metal em suas roupas, maquiagem e penteados. Essa quebra de expectativas estéticas confronta as ideias preconcebidas sobre o que é “feminino” e permite que elas redefinam o conceito de feminilidade dentro do contexto do metal.

3.4 Placenta em Imagens

Como banda pioneira do gênero *thrash metal* no país, as integrantes da Placenta desafiam as normas sociais e redefiniram os limites do que era considerado “feminino” na época. A formação da Placenta representa uma resistência e uma afirmação do poder feminino na música, quebrando estereótipos e enfrentando desafios para se estabelecerem como artistas. A escolha do nome “Placenta” para a banda também é interessante, pois sugere uma conexão com a maternidade e a fertilidade, temas muitas vezes associados às mulheres. A placenta é um órgão vital durante a gestação, responsável por nutrir e proteger o feto, estabelecendo uma conexão profunda entre a mãe e o bebê. Ao adotar esse nome, as integrantes da banda podem ter buscado transmitir uma mensagem poderosa sobre a força e a fertilidade feminina, desafiando as convenções e estereótipos de gênero.

A placenta representa o início da vida, um momento de criação e

transformação. Ao associar seu nome a esse órgão, a banda pode ter buscado transmitir a ideia de renascimento e empoderamento. Um grupo de mulheres metaleiras nos anos 1980 é provocador, e o nome Placenta transcende a mera escolha de uma palavra impactante e se torna um símbolo poderoso de empoderamento feminino, fertilidade, renascimento e união. Ele representa a força das mulheres na música, desafiando normas sociais e reafirmando seu espaço e relevância no cenário do metal brasileiro.

Na atmosfera enigmática da mata, sob o véu da sombra e da luz filtrada pelas árvores ancestrais, desvela-se a imagem provocativa da banda Placenta. Mulheres ousadas, vestidas com correntes e cintos especiais, erguem-se diante da natureza selvagem, desafiando as convenções e abrindo caminhos nas trilhas do metal brasileiro.

Em cada detalhe visual, encontramos um manifesto de rebeldia e expressão. As vestes provocativas são símbolos de emancipação, uma afirmação audaz que transgride os estereótipos impostos às mulheres nesse cenário musical. Correntes quebram amarras invisíveis, enquanto cintos especiais marcam a força e a determinação dessas artistas. Elas se vestem não apenas com roupas, mas com uma atitude desafiadora que permeia o ar e se confunde com a energia pulsante da música (Fig. 10).



Figura 10 – A banda Placenta. Da esquerda para a direita, Ana Maria (guitarra), Marília (baixo), Andreia (bateria), Vitória (guitarra) e Paula (vocal). Fonte: Blog Rock Dissidente.

A natureza, testemunha silenciosa, torna-se o palco desse espetáculo transgressor. A mata envolve as artistas com sua exuberância e vitalidade, compartilhando seu mistério e oferecendo um contraste notável. No plano das pessoas, a rebeldia transparece em cada olhar sério, em cada expressão intensa. Não há espaço para sorrisos, apenas a determinação de quem trilha um caminho próprio, guiadas pela paixão e pela entrega à música que ecoa em suas almas. Sua imagem provoca, desafia e inspira, carregando consigo o legado de pioneirismo e ousadia. Essas mulheres corajosas ecoam o grito de liberdade, redefinindo os limites e construindo pontes entre o passado e o futuro, entre as tradições do metal e a busca incessante pela autenticidade (Fig. 17).



Figura 11 – Mulheres do Metal. Acima: Vittória (guitarra), Marília (baixo, futuramente no MEGATHRASH) e Ana Maria (guitarra). Abaixo: Paula (vocal) e Andréia (bateria). Fonte: Vivarocknroll.blogspot.com.

Do ponto de vista espacial, a imagem apresenta as cinco integrantes da banda, posando para o que indica ser uma sessão de fotos promocionais do grupo. Há uma proporcionalidade interessante onde cada uma delas está intercalada, ou seja, 3 delas estão mais atrás (Ana Maria, Vittoria e Paula) e adiante (Andreia e Marília). Essa proporção causa a quem vê uma ideia de equilíbrio, onde o espectador não percebe se há alguém em um plano aparentemente mais importante do que outro - como costuma ocorrer em fotos do tipo, onde geralmente o *front man* ou *front woman* aparece visualmente também em uma posição de liderança. Notamos, ainda, que os olhares se voltam a um ponto em comum, distante do espectador. Na imagem, o ponto A representa o ponto de olhar aproximado da banda, e o ponto B o ponto de vista do espectador, aos olhos da câmera fotográfica (Fig.18).



Figura 12 – Banda Placenta e pontos de vista A e B. Fonte: Blog Rock Dissidente.

Esse olhar desviado nos causa uma sensação de apatia e desprezo, o olhar de Andreia, com a cabeça mais erguida propositalmente, e os punhos fechados, sugere uma postura desafiadora - como aquelas adotadas por oponentes prestes a lutarem (Fig. 13).

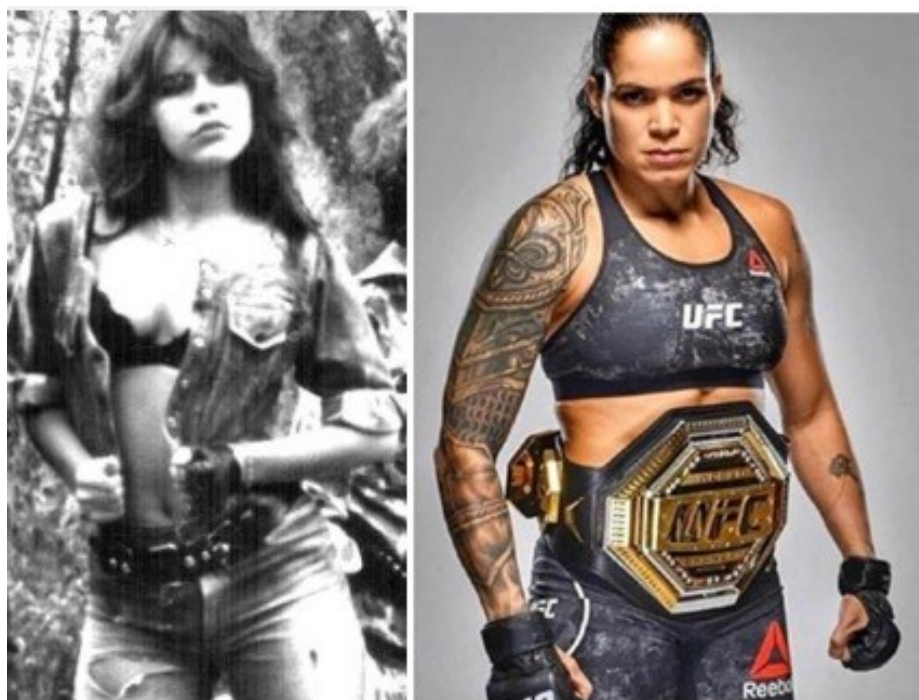


Figura 13 – Andreia (esquerda) e a lutadora campeã de MMA Amanda Nunes (direita). Fonte: Compilação da autora de imagens do Blog Rock Dissidente e da página do Instagram de Amanda Nunes.

A figura de uma mulher metaleira no Brasil dos anos 80, audaciosamente mostrando seu sutiã, é um símbolo fascinante de resistência. Nessa época, a sociedade brasileira estava imersa em normas conservadoras e o machismo era ainda mais arraigado do que atualmente. Como esta figura representa as mulheres no contexto da época inspirando em imagens de bandas masculinas em suas posturas, cabelos, adornos, tecidos, numa postura de enfrentamento enviando um recado de que elas também ocupam lugares de guerreiras, lutadoras. Essas mulheres enfrentavam múltiplos desafios e resistências ao desafiarem as expectativas sociais e se posicionarem em um estilo musical predominantemente masculino, como o metal. Um exemplo marcante dessa realidade é a proibição, até 1979, da inclusão do ensino sobre sexualidade nas escolas pelo Estado de São Paulo. A Secretaria de Educação argumentava que o assunto era de “responsabilidade exclusiva da família” (Sayão, 1997, p. 110) e não deveria fazer parte do currículo educacional. Essa postura reforçava estereótipos de gênero e dificultava a construção de uma sociedade mais igualitária. Nesse contexto, a presença de uma mulher metaleira, exibindo seu sutiã e desafiando as convenções, se torna ainda mais significativa. Ela representa a luta por igualdade, o

rompimento de barreiras e a busca por autenticidade. Essas mulheres não apenas se destacavam por seu talento musical, mas também por sua coragem em confrontar as estruturas machistas e reivindicar seu espaço de forma legítima e empoderada.

3.5 Nervosa

A Nervosa desempenha um papel de extrema importância na cena do metal brasileiro. Como uma das principais bandas de *thrash metal* do país, elas têm sido pioneiras e inspiradoras para uma nova geração de músicos e fãs. Sua presença no cenário do metal nacional tem contribuído para fortalecer e promover o gênero, tanto no Brasil quanto no exterior. Além disso, a Nervosa se destaca por sua inovação dentro do *thrash metal*. A visualidade é outro aspecto marcante da Nervosa. A banda adota uma estética sombria e intensa, tanto nas capas de álbuns quanto em suas performances ao vivo. Através de sua imagem e presença de palco, elas transmitem uma aura de força, rebeldia e poder, desafiando as convenções estereotipadas de feminilidade. Essa visualidade contribui para a identidade da banda e complementa a agressividade de sua música. As letras da Nervosa também são uma parte essencial de sua identidade artística.

A Nervosa também conquistou reconhecimento internacional ao se apresentar em festivais de renome, como o *Wacken Open Air*, um dos maiores festivais de metal do mundo. Suas turnês internacionais e colaborações com outras bandas de destaque na cena do metal têm ajudado a ampliar a visibilidade do thrash metal brasileiro e a estabelecer a Nervosa como uma força a ser reconhecida no cenário global. O reconhecimento internacional da Nervosa atingiu um novo patamar quando a banda foi convidada para tocar pela primeira vez no *Wacken Open Air* (WOA), 2020, na Alemanha, um dos maiores e mais prestigiosos festivais de metal do mundo, segundo Bohn e Bernardi (2022):

Ao longo dos anos, o WOA se tornou mundialmente conhecido como a meca do heavy metal e cultivou uma forte base de fãs para quem o festival constitui uma parte integral de seu estilo de vida. Além disso, o WOA não é apenas famoso nos círculos do

metal, mas também se tornou uma sensação da cultura pop. Isso se manifesta em uma quantidade considerável de livros e documentários sobre o festival, bem como na enorme atenção da mídia que Wacken recebe. (Bohn; Bernardi, 2020, p. 123, tradução nossa⁹).

Tocar no Wacken é um marco significativo na carreira de qualquer banda de metal, e para a Nervosa, essa oportunidade proporcionou um nível de exposição que ampliou ainda mais o seu reconhecimento e popularidade, sobretudo por ser a primeira banda brasileira a tocar no renomado festival. A banda também realizou turnês internacionais ao lado de bandas respeitadas no gênero, como Destruction, Exodus, Flotsam and Jetsam, Grave e Sodom. A presença contínua da banda nesses palcos internacionais serviu não apenas para consolidar sua popularidade, mas também para destacar o cenário do metal brasileiro em um contexto global.

A ascensão internacional da Nervosa é emblemática por várias razões. Primeiro, desafia as normas de gênero historicamente arraigadas no gênero do metal, demonstrando que a capacidade e o talento musical não são definidos por gênero. Segundo, a visibilidade global que a Nervosa alcançou tem o potencial de abrir caminho para outras bandas de metal lideradas por mulheres, incentivando uma maior inclusão no gênero. A importância de Nervosa na música transcende a mera produção musical. Como uma banda liderada por mulheres no gênero do metal, eles servem como pioneiros e ícones representativos de mudanças progressivas na indústria musical, segundo Marinho (2019):

A Nervosa é uma banda que abre espaço para que as mulheres vejam que tem espaço no metal. Mesmo com diversos exemplos de mulheres de sucesso, bandas formadas apenas por mulheres ainda é alvo de críticas e comentários maldosos, e um protagonismo maior delas ainda está em crescimento. (Marinho, 2019).

Marinho (2019), destaca a importância da banda ao proporcionar um espaço para as mulheres no cenário do metal. Embora haja exemplos de mulheres bem-sucedidas nesse gênero musical, bandas formadas exclusivamente por mulheres ainda enfrentam críticas e comentários negativos. A posição da

⁹ No original: “Over the years, WOA has become globally known as the mecca of heavy metal and cultivated a strong fan base for whom the festival constitutes an integral part of their lifestyle. Furthermore, WOA is not only famous in metal circles but has also become a pop-culture sensation. This manifests in a considerable amount of books, and documentaries about the festival as well as in the massive media attention Wacken receives.”

banda, portanto, não é apenas notável, mas também fundamental para desafiar e reconfigurar as normas de gênero existentes na cena do metal. Ao analisar as imagens e a iconografia da banda, é possível perceber como elas reforçam a mensagem de empoderamento feminino e desafiam as concepções convencionais de feminilidade. O estudo dessas imagens e de seu discurso visual é, assim, crucial para compreender as estratégias da banda para navegar, e eventualmente reformular, o terreno predominantemente masculino do metal. Tal análise também contribui para um entendimento mais amplo da evolução do gênero, à medida que incorpora e reflete as mudanças socio-culturais em relação às questões de gênero.

A importância da Nervosa no Brasil vai além do âmbito musical. Elas representam um símbolo de empoderamento feminino, quebrando barreiras e desafiando os estereótipos de gênero dentro do metal. A presença da banda no cenário musical brasileiro inspira outras mulheres a seguirem carreira na música e a se expressarem livremente, redefinindo os padrões tradicionais de feminilidade e contribuindo para a diversidade e inclusão no meiomusical.

A cultura visual, na sua vastidão de imagens, símbolos e práticas, desempenha um papel intrínseco e multifacetado na modelagem de nossas percepções e interpretações do mundo ao nosso redor (Mirzoeff, 1999). Ela serve como uma ponte para conectar o individual com o coletivo, o privado com o público, e o conhecido com o desconhecido. Em uma análise detalhada e multifacetada das imagens e iconografia utilizadas pela banda de metal Nervosa, revela-se uma intrincada mescla da estética característica do metal, combinada com elementos únicos que ajudam a estabelecer e consolidar a identidade distinta da banda.

3.6 Paleta de cores e tonalidade

No amplo espectro do universo visual da Nervosa, um dos aspectos que salta aos olhos imediatamente é o domínio de tons escuros e soturnos. Esta inclinação para um ambiente visual mais sombrio é uma forte característica associada ao gênero do metal e não se resume a uma escolha estilística aleatória. Na verdade, essas cores e a iluminação escolhida atuam como uma extensão da música da banda, funcionando como uma espécie de linguagem visual

que reflete a intensidade, profundidade temática e peso encontrados nas composições musicais da banda.

Além disso, a tonalidade escura também projeta uma atmosfera sombria e misteriosa, a qual ressoa com o conteúdo emocional, por vezes doloroso e combativo, da música da banda. Trabalhando em conjunto, a música e as imagens formam uma espécie de simbiose, na qual cada elemento reforça e amplifica o outro, criando uma experiência imersiva que vai além do som ou da visão isoladamente.



Figura 14 – Imagem de divulgação para o WOA. Fonte: Portal 89 Radio Rock.

A análise visual desta imagem da banda Nervosa revela um poderoso conjunto de significados e narrativas interconectadas. A imagem, composta pelas três integrantes Luana, Prika e Fernanda, da esquerda para a direita, mergulhadas em tons escuros, funciona como uma representação visual da intensidade e da energia bruta associadas à música da banda.

A posição central de Fernanda Lira na imagem é fundamental para a composição. Sua expressão, como uma onça prestes a atacar, transmite um sentido de agressão controlada e força bruta. O fato de ela estender a mão na

direção do espectador, com os dedos alargados como se estivesse pronta para agarrar uma presa, serve como uma metáfora visual para a abordagem da banda em relação à música - agressiva, implacável e sem restrições. Isso, por sua vez, pode ser interpretado como uma representação simbólica do empoderamento feminino, desafiando estereótipos de passividade tradicionalmente associados às mulheres.

Luana Dametto e Prika Amaral, por outro lado, adotam uma postura mais neutra. Embora suas expressões não sejam tão explicitamente agressivas quanto a de Fernanda, os olhares de desconfiança que direcionam ao ponto da câmera fotográfica sugerem um sentimento de cautela e determinação. Essa composição complementa e equilibra a ferocidade de Fernanda, transmitindo a ideia de que, enquanto a banda é destemida em sua expressão artística, também há um nível de reflexão e intencionalidade por trás de sua música.

A paleta de cores escuras da imagem e a iluminação sutil que realça as expressões das integrantes contribuem para a criação de uma atmosfera intensa e misteriosa. Essa atmosfera pode ser interpretada como um reflexo visual da música da banda, que frequentemente explora temas sombrios e atmosféricos.

3.7 Símbolos e Motivos

Em sua iconografia, a Nervosa explora um leque abrangente de símbolos e motivos intimamente vinculados à estética do metal. Elementos como a morte brandindo uma foice, cruzes em cemitérios e florestas noturnas escuras transcendem a mera ornamentação gráfica; eles são, de fato, transportadores de significados profundos que reverberam com os temas abordados nas canções da banda. Esses símbolos atuam como veículos visuais para expressar conceitos relacionados a perigo, mortalidade, sobrenatural e o desconhecido, cada um provocando sentimentos de intriga, medo ou reflexão no espectador.

Esses ícones, embora sombrios e frequentemente perturbadores, são componentes integrais da estética do metal, uma estética que a Nervosa incorpora e emprega para reafirmar sua posição dentro dessa tradição. Simultaneamente, a utilização perspicaz desses símbolos serve como uma extensão visual da música da banda, intensificando os temas e o clima presentes

nas composições do grupo, reforçando assim a experiência sensorial proporcionada pela música.

A imagem abaixo (Fig. 15) retrata as quatro integrantes em uma floresta escura, vestidas inteiramente de preto. Nessa foto, há um ar de desafio e uma postura de ataque em seus rostos, expressando determinação e assertividade. Essa composição visual transmite uma mensagem de que a banda está pronta para enfrentar qualquer desafio que surja em seu caminho, refletindo a força e a coragem que as integrantes incorporam como mulheres dentro do cenário do metal.



Figura 15 – Imagem da Tour 2021 da banda Nervosa. Fonte: Conta @rockrphotomx no Facebook.

A imagem seguinte (Fig. 16) revela uma composição simbólica poderosa e impactante. Ao fundo, vemos a representação da morte segurando uma foice, um símbolo tradicionalmente associado à mortalidade e à transitoriedade da vida. Essa presença da morte na imagem evoca uma atmosfera sombria e carregada de significado, que ressoa com os temas explorados nas músicas da banda Nervosa, validando que esta imagem é uma montagem para anunciar a

nova formação da banda, e a foto da Mia corresponde a uma performance em outra banda do gênero black metal, que não é característica da Nervosa por serem de subgêneros e contextualizações diferentes.

A foice nas mãos da figura da morte é um símbolo visualmente impactante, transmitindo a ideia de que a vida é efêmera e sujeita ao inevitável destino final. Essa representação simbólica sugere uma confrontação direta com a mortalidade, desafiando o espectador a refletir sobre a brevidade da existência e a transitoriedade de tudo o que é vivente. Os pedaços de esqueletos amontoados à frente das integrantes reforçam essa temática, simbolizando a natureza efêmera da vida humana e a inevitabilidade da morte. Essa composição visual intensa e simbólica ressalta a temática sombria e a atmosfera carregada que permeiam as músicas da banda Nervosa. Esses elementos visuais agem como uma extensão visual das letras e dos temas líricos, amplificando a intensidade emocional transmitida pela música. A presença da morte e dos esqueletos na foto também pode ser interpretada como uma manifestação visual da filosofia existencialista presente nas composições da banda, abordando questões de vida, morte e a condição humana diante do inevitável fim.

A morte é um tema central na filosofia existencialista, que busca compreender a existência humana e suas angústias diante do fim inevitável. O existencialismo enfatiza a liberdade individual e a responsabilidade pessoal, e a consciência da mortalidade é vista como uma força motriz para a reflexão sobre o sentido da vida. De acordo com Fontana (2020):

A morte como fato da vida está sempre batendo a porta da existência, por isso não posso me esquecer que ser mortal faz parte dessa vida, que pode não ter um sentido, mas que tem a liberdade como guia, ou seja, quem faz o sentido da sua vida e a própria subjetividade engajada. Uma coisa clara no existencialismo é que a minha liberdade depende da liberdade dos outros, e a liberdade dos outros depende da minha. Não assumir a mortalidade é um ato de má fé, não assumir sua responsabilidade diante de seus atos, é cair num determinismo da moral, o qual, só vai mascarar a finitude e a morte. Não se pode agir como se a morte não existisse. Fingir que a morte não existe é criar uma mentira para dissimular a total liberdade do engajamento. (Fontana, 2020, p. 107).

Analisando a imagem fornecida, podemos relacioná-la ao existencialismo ao considerar a figura da caveira como um símbolo da morte. A caveira é uma

representação visual da transitoriedade da vida e da finitude humana. Ela nos lembra que somos seres mortais e que, em última instância, estamos destinados a encarar a morte. Essa imagem evoca uma sensação de desconforto e confronto com nossa própria mortalidade. No entanto, dentro do existencialismo, a liberdade desempenha um papel fundamental. Fontana (2020) enfatiza que a liberdade é o guia para dar sentido à nossa vida e à nossa própria subjetividade engajada. Nesse contexto, é destacado que a minha liberdade depende da liberdade dos outros, e vice-versa.

Ao relacionar a citação com a imagem, percebemos que ambas abordam a importância de confrontar a morte como uma realidade inescapável. A caveira representa simbolicamente a morte, enquanto a citação ressalta a necessidade de reconhecermos nossa mortalidade e agir com responsabilidade diante dela. A imagem da caveira, portanto, reforça a ideia de que não podemos ignorar a morte, mas sim encará-la como uma condição que nos lembra da nossa liberdade e da responsabilidade de dar sentido à nossa existência. Ao confrontar o espectador com a mortalidade e a transitoriedade da vida, essa composição simbólica convida a uma reflexão sobre a fugacidade do tempo e a efemeridade da existência, proporcionando uma experiência visual que complementa e enriquece a experiência sonora da banda.



Figura 16 – Arte da capa do álbum *Perpetual Chaos* da banda Nervosa. Fonte: <https://nervosa-brazil.bandcamp.com/>

A última imagem (Fig. 17) retrata as três integrantes da banda em um ambiente que aparenta ser um cemitério. A expressão facial e a postura corporal das integrantes revelam diferentes estados emocionais. Prika apresenta um olhar desconfiado, expressando uma atitude de vigilância e alerta. Fernanda segura a cruz do cemitério em suas extremidades, denotando uma vontade quase irresistível de movimentar ou sacudir o objeto, transmitindo energia inquieta e rebelde. Luana, por sua vez, exibe um olhar melancólico e uma postura cabisbaixa, transmitindo uma sensação de tristeza e contemplação. Essa composição visual

ressalta a complexidade das emoções exploradas pela banda e a profundidade de sua abordagem lírica. A presença do cemitério como pano de fundo evoca a temática da morte e da transitoriedade da vida, elementos que são recorrentes nas letras e na atmosfera musical do grupo.

A expressão desconfiada de Prika e sua atitude vigilante podem ser interpretadas como uma postura de enfrentamento diante dos desafios e perigos que se apresentam. Essa expressão representa a necessidade de estar atento e consciente da efemeridade da existência, como se a própria vida estivesse constantemente em jogo. A maneira como Fernanda segura a cruz do cemitério, demonstrando uma vontade de movimentar ou sacudir o objeto, revela uma energia inquieta e rebelde. Essa atitude pode ser interpretada como uma manifestação de inconformidade com as convenções e normas estabelecidas pela sociedade, buscando desafiar o status quo e questionar os símbolos e ideias tradicionais relacionadas à morte e ao luto. Esta imagem é da primeira formação da banda que corresponde a uma estética muito influenciada pelo Destruction, banda que elas cita como referência e já fizeram turnê juntos. Nesta imagem identificamos elementos de feminilidade como maquiagem, cabelos longos e pintados, esmaltes nas unhas, braços em postura de força e prontidão, bem característicos das mulheres do thrash metal. Por fim, a expressão melancólica e cabisbaixa traz à tona a sensação de tristeza e contemplação. Seu olhar parece refletir sobre a efemeridade da vida e a inevitabilidade do fim. Essa emoção transmite a percepção da transitoriedade dos momentos e a importância de valorizar cada instante, pois tudo está sujeito a um desfecho.



Figura 17 – Prika, Fernanda e Luana da banda Nervosa. Fonte: Metal Maidens <https://www.matalmaidens.com/nervosaintMM2014.htm>.

A imagem composta pelas expressões e emoções das integrantes da banda instiga uma imersão nas camadas mais profundas da experiência humana. Ela convida o observador a refletir sobre a fragilidade da vida e a necessidade de enfrentar os desafios com vigilância, acolher uma postura rebelde em relação às imposições sociais e encontrar espaço para a contemplação e a tristeza diante da finitude, além de estabelecer uma conexão emocional significativa com seu público.

3.8 A Representação do Feminino

A Nervosa, como uma banda de metal exclusivamente feminina, traz uma singularidade que oferece um terreno fértil para questionar e dismantelar as representações convencionais do feminino dentro do cenário do metal. As imagens da banda retratam suas integrantes não como meros adornos ou figuras passivas, mas como entidades ativas, imponentes e poderosas que desafiam incisivamente as normas e expectativas de gênero habitualmente associadas ao universo do metal. Esse retrato visual, rico em nuances e detalhes, ultrapassa a

fronteira da mera estética e mergulha na dimensão sociocultural, política e simbólica.

As integrantes são representadas como figuras de autoridade, que dominam o espaço que ocupam e reivindicam a legitimidade de sua presença no cenário do metal, tradicionalmente masculino. Esta representação é um manifesto vibrante de empoderamento feminino, confrontando frontalmente as concepções estereotipadas de feminilidade e masculinidade, e propõe uma reconfiguração de tais conceitos dentro do metal.

Em um sentido mais amplo, a iconografia de Nervosa não apenas contribui para a evolução do gênero, mas também enriquece o diálogo sobre o papel das mulheres na música e na sociedade em geral. O ato de desafiar os papéis de gênero estabelecidos e de reivindicar um espaço próprio na música, um espaço que não é concedido, mas conquistado, sinaliza uma mudança significativa na percepção da presença feminina no metal.

À medida que avançamos para a conclusão deste estudo, é importante sublinhar o impacto e a importância dessa representação e da própria banda. A trajetória de Nervosa serve como um reflexo das transformações mais amplas na sociedade e na cultura, bem como um sinal do potencial do metal para incorporar e refletir essas mudanças. Além disso, ao desafiar as normas de gênero e ao se destacar em um gênero dominado por homens, Nervosa não apenas redefine o espaço do metal, mas também redefine o que é possível para as mulheres dentro e além desse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a representação das mulheres no contexto do heavy metal no Brasil evidencia como certas bandas, especificamente Placenta e Nervosa, desafiaram os estereótipos de gênero dentro desse estilo musical, tanto em suas imagens quanto em suas performances. Explorar a relação entre música, imagens e seu impacto cultural é uma abordagem interessante. Ainda há muito a ser investigado e compreendido sobre como essas representações visuais influenciaram não apenas a percepção das mulheres no metal, mas também como afetaram os fãs e a sociedade em geral, promovendo novos significados emergiram dessa linguagem, alterando a percepção do feminino.

Com base no discutido no Capítulo 1, analisamos a origem e expansão do heavy metal, um subgênero musical do rock, oficialmente reconhecido no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Seu surgimento é multifacetado e possui múltiplas histórias, tornando difícil determinar um momento exato para seu início. O contexto social e político, especialmente durante a Guerra Fria, desempenhou um papel fundamental no surgimento dessa música de caráter e visual agressivos. O capítulo também apresentou um panorama global sobre o metal, com uma análise das bandas metaleiras registradas no maior portal virtual de Metal, o Metal Archives, fornecendo dados impressionantes sobre a presença do metal em todo o mundo. O Brasil, em particular, destaca-se nesse cenário, com um grande número de bandas de metal e uma comunidade de fãs fervorosa e engajada.

Essas considerações levam à problematização do impacto do heavy metal na cena musical brasileira, particularmente entre as mulheres, e como certos aspectos da pós-modernidade se refletem nesse meio.

O Capítulo 1 conclui estabelecendo que a música, especialmente o gênero do heavy metal, não é apenas entretenimento, mas também contribui para a formação social, expressando e revelando intenções e significados. Propõe-se explorar mais a fundo as visualidades e teorias da imagem relacionadas ao metal para ampliar a compreensão sobre a complexidade desse fenômeno cultural, principalmente no que se refere à imagem feminina e à sua expressão dentro desse cenário. Essa pesquisa está estruturada na intersecção entre visibilidade e poder, explorando as relações de poder que a imagem feminina pode criar, promover e estimular no universo do heavy metal.

O Capítulo 2 nos conduziu a uma reflexão profunda sobre a análise e interpretação das imagens, mostrando a importância de considerar tanto as experiências individuais quanto os sistemas de análise propostos por estudiosos da área. A compreensão da complexidade e da diversidade de significados contidos nas imagens nos permite mergulhar em um universo visual fascinante, como o mundo metaleiro, destacando a importância da percepção individual na construção de significados das imagens, evidenciando como a subjetividade e as experiências pessoais influenciam nossa interpretação visual. Refletimos sobre autores como Berger, Santaella e Ott, compreendendo que a análise crítica das imagens vai além das premissas tradicionais de beleza, verdade e genialidade, permitindo uma participação ativa e empoderada do observador na construção de significados.

Abordamos as propostas de análise de Robert William Ott e Sardelich, destacando suas abordagens complementares. Ott enfatiza o diálogo entre educador e educando e propõe um sistema de apreciação da arte em seis momentos, visando estimular a percepção e análise das obras. Por sua vez, Sardelich adota uma abordagem embasada no formalismo e na semiótica, apresentando categorias de análise que consideram aspectos espaciais, gestuais, cenográficos, luminosos, simbólicos, gráficos e relacionais presentes nas imagens.

Ao aplicarmos essas categorias de análise ao universo metaleiro, podemos ampliar nossa compreensão das imagens representativas desse estilo musical. Através da análise das capas de álbuns, fotografias de bandas, adesivos e outros elementos visuais, consideramos aspectos como a disposição espacial dos elementos, os gestos e a cenografia retratados, o uso da luz, os simbolismos presentes, a composição gráfica e as relações espaciais estabelecidas. Essa análise abrangente e contextualizada nos permite explorar a estética e a identidade visual do metal, considerando também a relação entre o visual e a música em si.

No Capítulo 3, ao analisarmos as imagens, identificamos que a banda desafiou as normas sociais com sua abordagem visual. Em um gênero musical muitas vezes dominado por homens, a presença das mulheres na banda desafiou as concepções convencionais de feminilidade ao refletir a intensidade e agressividade do thrash metal, com roupas e maquiagem que desafiavam estereótipos femininos tradicionais, mandando um visual com atitude desafiadora e transmitindo a ideia de que mulheres podem ser tão poderosas e expressivas quanto os homens nesse gênero musical.

Ao examinarmos o impacto das bandas de Thrash Metal formadas por mulheres na quebra de convenções sociais, torna-se notório o desafio que esses grupos impuseram às normas sociais arraigadas. No cenário do thrash metal, geralmente dominado por figuras masculinas, a entrada e a presença feminina nesses conjuntos desafiaram de forma direta as concepções tradicionais e estabelecidas de feminilidade.

Essas mulheres, ao integrarem-se nesse universo musical, não apenas se tornaram músicas, mas também agentes de mudança cultural. Sua mera presença nos palcos e nos bastidores do thrash metal representou uma reviravolta nas expectativas sociais, desafiando a ideia preconcebida de que certos gêneros musicais pertencem exclusivamente a um determinado gênero ou identidade.

A postura desafiadora dessas bandas de mulheres no thrash metal foi além da música em si. Suas imagens, seja através do vestuário, da maquiagem ou da atitude no palco, romperam com estereótipos arraigados sobre como as mulheres deveriam se apresentar e se comportar nesse contexto musical. Ao recusarem-se a se encaixar nos moldes tradicionais, essas músicas demonstraram corajosamente que a feminilidade não deve ser limitada por padrões predefinidos, especialmente em gêneros musicais historicamente dominados pelo masculino.

Assim, o impacto das bandas de Thrash Metal de Mulheres na quebra de convenções sociais não se limitou ao âmbito musical, mas reverberou como um chamado à igualdade de oportunidades e à aceitação da diversidade em todos os domínios da sociedade e principalmente no reconhecimento de uma nova figura de feminilidade com aspectos autônomos e únicos desvinculados do ser masculino. Elas não apenas desafiaram a ordem estabelecida no mundo da música, mas também contribuíram significativamente para a ampliação das fronteiras da igualdade de gênero e da liberdade de expressão. Elas personificaram a intensidade e agressividade características do gênero, utilizando roupas e maquiagem que desafiavam os estereótipos tradicionais femininos. Este gesto visual transmitia uma mensagem poderosa: mulheres são igualmente capazes de expressar poder e intensidade no universo do thrash metal.

A emblemática banda Placenta, como pioneira do thrash metal no país, não apenas rompeu barreiras musicais, mas também se tornou um ícone de resistência e empoderamento feminino. O próprio nome provocativo e simbólico da banda, associado à maternidade e fertilidade, ecoou como uma declaração de poder sobre

a força intrínseca das mulheres na música. As integrantes da Placenta, ao vestirem-se com correntes e cintos especiais, desafiaram estereótipos arraigados e afirmaram sua atitude desafiadora em meio a uma atmosfera que se assemelhava à própria natureza selvagem. Assim, a Placenta consolidou-se como um ícone que não apenas desafiava paradigmas, mas também abria caminhos para outras mulheres no cenário do metal brasileiro.

Já a banda Nervosa, composta exclusivamente por mulheres, representou um desafio às convenções de gênero dentro do metal. Sua performance brutal e presença de palco poderosa não só quebraram barreiras, mas também redefiniram o conceito de liderança no meio musical. A estética marcante da Nervosa, permeada por uma aura de força e determinação, desconstruiu estereótipos preexistentes, demonstrando de forma inequívoca que mulheres podem liderar com maestria. A ascensão internacional do grupo, incluindo suas apresentações épicas no renomado festival Wacken Open Air, amplificou o reconhecimento e a visibilidade da banda, servindo como um farol inspirador para outras formações lideradas por mulheres.

A abordagem visual da Nervosa, marcada por tons escuros e símbolos sombrios, foi uma manifestação visual que ecoou a intensidade e a profundidade de suas composições musicais. Esta fusão entre imagem e som criou uma experiência imersiva que transcendia as fronteiras do meramente auditivo, mergulhando o público em uma jornada sensorial e emocional.

A influência dessas bandas vai além do âmbito musical, elas se tornaram um símbolo de resistência, empoderamento e quebra de estereótipos. Ao desafiarem as normas sociais, essas mulheres demonstraram não apenas sua habilidade musical, mas também inspiraram toda uma geração de artistas a abraçarem sua individualidade e a desafiarem as limitações impostas pelo mundo ao seu redor.

A influência transcendental dessas bandas não se restringe apenas ao domínio musical; elas se estendem como pilares da resistência, fomentando o empoderamento feminino e desafiando as próprias bases da sociedade. Ao confrontarem as normas estabelecidas, essas mulheres não apenas elevaram o thrash metal a novos patamares, mas também se tornaram ícones de uma revolução cultural. Sua presença destemida e suas performances arrebatadoras não apenas quebraram as barreiras do gênero musical, mas também abriram caminho para um diálogo mais amplo sobre a igualdade de gênero e o poder da expressão individual.

A Placenta, com seu nome provocativo e simbólico, ecoou não apenas como uma banda musical, mas como um manifesto pela força feminina. Ao desafiar a própria essência do que se esperava de mulheres na música, elas abriram precedentes para a aceitação e o reconhecimento da diversidade de vozes dentro do cenário do metal. Essa coragem em desafiar os estereótipos consolidou a Placenta como uma força motriz para outras mulheres que ansiavam por expressar-se livremente, tanto musicalmente quanto visualmente, sem serem restringidas por normas pré-estabelecidas.

Por sua vez, a Nervosa não apenas demonstrou competência técnica e artística, mas também se tornou um farol de esperança e inspiração para uma geração de jovens músicos. Através de sua estética marcante e performances incendiárias, elas reescreveram a narrativa sobre o papel das mulheres no metal. Sua jornada rumo à proeminência internacional não foi apenas uma conquista musical, mas uma declaração ousada de que mulheres podem liderar com paixão, determinação e excelência, independentemente do gênero.

A união entre a imagem visualmente desafiadora e a música visceral dessas bandas não foi apenas um rompimento de paradigmas, mas também uma afirmação de que a arte tem o poder de desencadear conversas difíceis, de confrontar preconceitos arraigados e de pavimentar o caminho para uma sociedade mais inclusiva e diversa. O legado dessas bandas transcende o mero palco musical; elas se tornaram embaixadoras de uma mudança cultural, fortalecendo a voz das mulheres e desafiando a concepção de quem pode liderar e inspirar no universo do thrash metal.

Essas narrativas não são apenas sobre música; são sobre coragem, resiliência e a capacidade intrínseca da arte de transformar mentalidades e moldar o tecido social. O impacto dessas bandas ecoa não apenas nos amplificadores dos palcos, mas na alma daqueles que encontraram nelas uma fonte de coragem para desafiar as expectativas e reivindicar seu lugar no mundo da música e além dele.

Ambas as bandas, Placenta e Nervosa, provavelmente influenciaram muitas pessoas ao desafiar as normas sociais e abrir espaço para uma maior diversidade e inclusão no cenário do metal no Brasil.

A iconografia dessas bandas não apenas revelou uma profunda conexão entre a música e as imagens, mas também estabeleceu uma simbiose intrincada que não apenas reforçou, mas também amplificou a mensagem transmitida. Desde as

expressões faciais marcantes até as posturas corporais cuidadosamente escolhidas, cada elemento visual presente nas imagens desempenhou um papel vital na transmissão das emoções e conceitos intrínsecos às letras e temas abordados pelas bandas. Por exemplo, os símbolos e motivos sombrios imersos na iconografia da Nervosa ecoaram de forma inegável com a intensidade emocional e a atmosfera das composições do grupo. Cada imagem sombria e cada símbolo explorado não apenas complementaram, mas também ecoaram a agressividade e a profundidade lírica encontradas em suas músicas, criando assim uma narrativa visual que enriqueceu significativamente a experiência auditiva e emocional para os fãs e espectadores. Observa-se que as expressões faciais, posturas corporais e elementos visuais estão interligados com a mensagem das bandas, além de fornecer um exemplo específico com a Nervosa para ilustrar como a iconografia se conecta à música.

Além de desafiar as normas de gênero, essas bandas representaram uma reconfiguração do papel das mulheres no metal. Elas se tornaram figuras de autoridade, imponentes e poderosas, que reivindicaram seu espaço no cenário do metal e confrontaram as concepções estereotipadas de feminilidade e masculinidade. A representação visual dessas bandas ultrapassou a mera estética e adentrou a dimensão sociocultural, política e simbólica, enriquecendo o diálogo sobre o papel das mulheres na música e na sociedade.

Ao concluirmos este trabalho, podemos destacar a complexidade do universo do metal brasileiro e internacional, além de ressaltar a riqueza de histórias e imagens que aguardam exploração. As bandas Placenta e Nervosa são pontos cruciais de análise, pois oferecem um vislumbre interessante sobre a iconografia e a estética visual dentro desse gênero musical. No entanto, é crucial compreender que essas representações são apenas o começo de uma vasta tapeçaria de expressões artísticas. Inúmeras outras bandas e artistas dentro do metal, tanto no Brasil quanto globalmente, possuem narrativas igualmente cativantes e estilos visuais únicos, aguardando serem desvendados. A pluralidade de abordagens estéticas, as mensagens culturais e as variações artísticas são um convite para uma exploração contínua e aprofundada nesse campo. A análise da iconografia e estética visual dessas bandas é, portanto, um convite para uma imersão mais ampla e a descoberta de um vasto território de expressões criativas dentro do cenário musical

do metal.

Ao investigar mais a fundo a representação de gênero no contexto do metal, é possível mergulhar em um mundo diversificado de narrativas e discursos visuais presentes em bandas lideradas por mulheres. Analisar essas expressões artísticas pode revelar nuances e perspectivas únicas sobre como o gênero é retratado e interpretado dentro desse cenário musical tão vibrante.

Além disso, ao explorar as influências culturais e históricas que contribuíram para a estética do metal brasileiro, há uma riqueza de aspectos para serem considerados. Compreender como essas influências se entrelaçam com as identidades de gênero dentro desse contexto específico pode fornecer uma visão mais completa sobre como as noções de masculinidade, feminilidade e outras identidades de gênero são incorporadas e reinterpretadas na música e na cultura metal no Brasil.

Essa expansão do trabalho pode abrir portas para análises mais profundas sobre como a música e a cultura se entrelaçam com questões de identidade de gênero, oferecendo não apenas uma compreensão mais ampla do universo do metal, mas também contribuindo para discussões mais abrangentes sobre gênero e música em contextos culturais diversos.

Outro caminho de expansão deste estudo seria explorar as comunidades de fãs e sua recepção das imagens e mensagens transmitidas pelas bandas é um passo essencial para compreender o impacto cultural do metal. A interpretação das imagens das bandas pelos fãs revela um intricado mundo de percepções e significados. Muitas vezes, essas imagens são recebidas como manifestações visuais dos valores, ideais e identidade da comunidade de fãs. Por exemplo, a estética e a iconografia das bandas podem ser interpretadas como uma representação visual dos temas líricos abordados em suas músicas, alimentando um senso de identidade compartilhada entre os fãs.

Uma análise detalhada dessas percepções pode revelar nuances surpreendentes sobre como as imagens do metal impactam não apenas os fãs individualmente, mas também as dinâmicas sociais mais amplas. Além disso, em um cenário onde as representações de gênero estão em constante evolução, as bandas de metal têm um papel importante a desempenhar. A maneira como essas bandas respondem e contribuem para as mudanças nas representações de gênero pode ser evidenciada em suas próprias imagens e estilos estéticos.

Explorar como as bandas de metal estão desafiando as normas de gênero no contexto contemporâneo é fundamental para compreendermos o papel dessas bandas na promoção da diversidade e na quebra de estereótipos. Suas escolhas estéticas, desde a moda até a performance no palco, podem servir como reflexo e catalisador para uma redefinição das expectativas sociais em relação ao gênero. Observar como essas representações evoluem e se adaptam ao longo do tempo é crucial para compreendermos não apenas a música, mas também o papel cultural e social que o metal desempenha na sociedade contemporânea.

Sugerir futuras pesquisas que aprofundem a análise da representação de gênero no metal, investiguem as práticas de resistência e empoderamento feminino dentro desse cenário é um passo importante para ampliar o conhecimento sobre esse tema, pois à medida que as representações de gênero continuam a evoluir e a diversidade se torna cada vez mais valorizada, seria relevante explorar como as bandas de metal estão respondendo e contribuindo para essas mudanças fazendo a seguinte indagação: Como as imagens e a estética estão se adaptando e desafiando as normas de gênero no contexto contemporâneo?

Este estudo reconhece a necessidade de ir além das bandas mencionadas, explorando um espectro mais amplo de narrativas visuais e discursos presentes no metal. Considerando também a evolução das representações de gênero e a forma como as bandas respondem a essas mudanças, há um terreno fértil para pesquisar futuras.

Por fim, uma linha de pesquisa promissora seria a análise das práticas de resistência e empoderamento feminino dentro do metal. Como as bandas lideradas por mulheres estão influenciando e transformando a indústria musical? Como elas estão inspirando outras mulheres a seguirem carreiras musicais e a desafiar as expectativas de gênero? À medida que avançamos para o futuro, espera-se que mais pesquisas e estudos se aprofundem nesses temas, expandindo nosso conhecimento sobre a iconografia e estética visual no metal, bem como seu impacto na sociedade e na música.

Espero que essa dissertação possa contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva do papel das mulheres no metal, destacando não apenas sua presença no cenário musical, mas também seu impacto cultural e social.

Referências

ALLOA, E. **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

AMPLIFICA. **Pré-conceito com mulheres no metal**. 2022. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hlt08hGebi4&t=112s>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ARANDU ARAKUAA. **WDÊ NNÃKRDA**. Arandu Arakuaa. 1 disco sonoro (CD). 2015.

ARCE CORTES, T. Subcultura, contracultura, tribus urbanas y culturas juveniles: ¿homogenización o diferenciación? **Rev. argent. sociol.**, Buenos Aires, v. 6, n. 11, p. 257-271, dic. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1669-32482008000200013&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 03 jul. 2022.

BARROSO, S. F. O uso da imagem pela mídia e sua repercussão na subjetividade contemporânea. **Psicologia em Revista (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 92-97, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 mar. 2022.

BARTHES, R. **A Câmara Clara: Nota Sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATALHA, R. A História do Heavy Metal no Brasil. *In: A História do Heavy Metal no Brasil*. [S. l.], 16 jul. 2022. Disponível em: <https://heavymetalnacional.wordpress.com/a-historia-do-heavy-metal-no-brasil/#comments>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BAYER, G. Doing cultural studies with earplugs. *In: G. Bayer (Ed.). Heavy metal music in Britain* (p. 1–13). Surrey: Ashgate, 2009.

BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** São Paulo: Pólen, 2019.

BOGUE, R. Becoming metal, becoming death. *In: R. Bogue (Ed.). Deleuze's wake: Tributes and tributaries* (p. 83–108). Albany, NY: State University of New York, 2004.

BOHN, D.; DE BERNARDI, C. Celebrating 30 years louder than hell: exploring commercial and social 'Host Event Zone' developments of the heavy metal festival Wacken Open Air. **Annals of Leisure Research**, v. 25, n. 1, p. 116-137, 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Renato Aguiar (trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPBELL, I. From Achilles to Alexander: The classical world and the world of metal. In: G. Bayer (Ed.), **Heavy metal music in Britain** (p. 111–124). Surrey: Ashgate, 2009.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CRAWFORD, D. E. **Therapists' awareness, identification, and management of culture-based countertransference**. 2012. 112 p. Thesis on Department of Psychology) - Miami University. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315497041Culture-based_Countertransference. Acesso em: 15 abr. 2022.

DELEUZE, G. Cinema. In: DELEUZE, G. **Conversações**. (Tradução de Peter Pál Pelbart). 3ª ed. São Paulo: 34, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

FONSECA, G. **Mulheres no metal**: parte da história das mulheres no metal brasileiro. 2013. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VuJ433UNz_8&t=453s. Acesso em: 08 abr. 2022.

FONTANA, V. F. Sartre: O existencialismo em torno da morte. **Aufklärung**, v. 7, n. 3, p. 99-110, set./dez. João Pessoa: 2020.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, jul./dez. 1997. p. 15-46. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482>. Acesso em: 10 ago. 2021.

HALL, S. **Culture, Media, Language**. Birmingham. CCCS. 2005. Disponível em: <https://udayanetworking.unud.ac.id/lecturer/scientific/1626-wahyu-budi-nugroho/the-brief-explanation-of-representation-according-stuart-hall-1097>. Acesso em: 10 ago. 2021.

HALL, S. **The Question of Cultural Identity Modernity: An Introduction to Modern Societies**. Stuart Hall, David Held, Don Hubert and Kenneth Thompson (eds). *Massachusetts: Blackwell Publishers Cambridge*, 1996. p. 596-632.

HEDBIGE, D. **Subcultura**: el significado del estilo. Barcelona: Paidós Comunicación. 2002.

HILL, R. L. Gender, Metal and the Media: Women Fans and the Gendered Experience of Music. **Pop Music, Culture and Identity**. 1ª ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 13ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HORNING, N. **Metal Music**: A History for Headbangers. New York: Lucent Press, 2019.

IRON MAIDEN. The Trooper. *In*: **PIECE OF MIND**. [S.l.]: EMI. 1 disco sonoro (CD). 1983.

JANOTTI, J. J. **Heavy Metal com Dendê**: Rock Pesado e Mídia em Tempos de Globalização. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

LACUNA COIL. **Our Truth**. Karmacode. 2006.

LEÃO, T. **Heavy Metal**: Guitarras em Fúria. São Paulo: Editora 34, 1997.

LEÓN, M. **Poder y Empoderamiento de las Mujeres**. Coedición del Tercer Mundo Editores. Fondo de Documentación Mujer Y Genero de la Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1997.

LOPES, P. A. L. **Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos religiosos**: A música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz. 2006. 204p. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/TeseLopesHeavy_Metal_Rio_de_Janeiro.pdf. Acesso em: 06 jan. 2022.

MARINHO, J. Metal brasileiro será representado no Wacken Open Air 2020 pela banda Nervosa. *In*: **Headbangers News**, [S.l.], 12 ago. 2019. Disponível em: <https://www.headbangersnews.com.br/noticias/metal-brasileiro-sera-representado-no-wacken-open-air-2020-pela-banda-nervosa/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MATOS, R. K. S.; BELEM, R. C. Música: formando tribos, constituindo identidades Sociais em Música. **Pesqui. prá. psicossociais**, v. 14, n. 1, p. 1-14, mar. São João Del-Rei: 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2022.

MERRIAM, A. P. **The Anthropology of Music**. Evanston: Northwestern University

Press, 1964.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. *Barcelona: Paidós*, 2003.

MITCHELL, W. J. T. **Iconology: Image, Text, Ideology**. *Chicago: The University of Chicago Press*, 1986.

MOBERG, M. *Religion in popular music or popular music as religion?* **Popular Music and Society**, 35(1), 113–130, 2012.

PACHECO, L. T. Som de macho: uma reflexão sobre identidade, masculinidade e alteridade entre os headbangers. **ANAIS do VII Seminário Fazendo Gênero**. Florianópolis, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br> Acesso em: 13 jun. 2021.

RODRIGUES, I. Mulheres no Heavy Metal Nacional. *In: WIKIMETAL*. [S.l.], 2018. Disponível em: <https://www.wikimetal.com.br/mulheres-no-heavy-metal-nacional/>. Acesso em: 11 maio 2022.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, S.C.M. A herança patriarcal de dominação masculina em questão. **ANAIS do XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología da Universidade de Buenos Aires Asociación Latinoamericana de Sociología**. Buenos Aires: 2009.

SARDELICH, M. E. Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa. *In: Cadernos de Pesquisa*. v. 36, n.128, p. 415-472, maio/agosto. 2006.

SCOTT, J. W. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Traduzido pela SOS: **Corpo e Cidadania**. Recife, 1990.

SCOTT, J. W. História das mulheres. *In: BURKE, Peter.(org.) A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp. 1992.

SCOTT, J. W. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. *In: Debate Feminista – Cidadania e Feminismo*, nº especial, 2000. (edição especial em português).

SIQUEIRA, H. S. G. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 2014. Disponível em: <https://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SPRACKLEN, K.; BROWN, A.; KAHN-HARRIS, K.; & SCOTT, N. Metal studies? Cultural research in the heavy metal scene. **Global Metal Music and Culture (1st ed.)**. 2011. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/1633641/global-metal->

music-and-culture-current-directions-in-metal-studies-pdf. Acesso em 12 mar. 2022

SZYMANSKI, D. M., MIKORSKI, R. *Sexually objectifying environments: Power, rumination, and waitresses' anxiety and disordered eating*. **Psychology of Women Quarterly**, 41, maio 2017. p 314-324. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317201516_Sexually_Objectifying_Environments_Power_Rumination_and_Waitresses'_Anxiety_and_Disordered_Eating. Acesso em: 13 set. 2021.

TAYLOR, L. *Images of human-wrought despair and destruction: Social critique in British apocalyptic and dystopian metal*. In: G. Bayer (Ed.). **Heavy metal music in Britain**. p. 89–110. Surrey: Ashgate, 2009.

WEBB, B. **How Vicious Schoolgirl Gangs Sparked a Media Frenzy in Japan**. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/mgmzxv/how-vicious-schoolgirl-gangs-sparked-media-frenzy-japan-sukeban>. Acesso em: 19 jun. 2022.

WEINSTEIN, D. **Heavy metal**: The music and its culture. Massachussets: Da Capo Press, 2000.

WOLFF, F. Por trás do espetáculo – o poder das imagens. In: NOVAES, A. (org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac, 2005. p. 16-45.

ZANINI, M. C. C. Totemismo revisitado: perguntas distintas, distintas abordagens. **Habitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 513-533, jan./jun 2006. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/debd/2766c396c8182963ea756b482cdd3b995c6f.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.